Elucidario Nobiliarchico

REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS
Palacio da Rocha do Conde d'Obidos — LISBOA

Composto e impresso no
CENTRO TIP. COLONIAL — L. d'Abegoaria, 27

I VOLUME — JULHO — 1928 — NUMERO VII

HERALDICA DE DOMINIO

ARMAS DE PORTIMÃO

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portugueses e aprovado em sessão de 14 de Dezembro de 1927.

A Associação dos Archeologos Portuguezes recebeu o seguinte oficio:

«Camara Municipal do Concelho de Portimão. — N.º 205.—Portimão, 22 de Maio de 1926.—Ex.mo Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portugueses. — Lisboa — Tem essa ilustrada Associação vindo prestando ao Paiz e designadamente aos Municipios um importantissimo serviço de investigação historica no que respeita á identificação dos brazões de armas das cidades e villas de Portugal e por isso a Camara Municipal do Concelho de Portimão para identico fim recorre ás luzes dos insignes socios de tão prestante como potriotica colectividade a fim de averiguar se esta terra, elevada á cathegoria de cidade pela Lei n.º 1692, de 11 de dezembro de 1924, possue, ou não brazão de armas; — no caso afirmativo qual ele é; no caso negativo qual aquele que poderá vir a adoptar com mais ou menos justeza e rigor historicos. O Padre José Gonçalves Vieira na sua «Memoria Monografica de Villa Nova de Portimão» (obra de que tomamos a liberdade de ofertar um exemplar a essa Ex.ª Associação) afirma que «Portimão nunca teve brazão d'armas» (pag. 30 da obra citada) e para tal afirmação invoca o facto de Vilhena Barbosa citando os brazões de armas de diferentes terras do Algarve, como Lagos, Faro, Silves, Loulé e outras, não citar o de Villa Nova de Portimão, e ainda a informação prestada por um Conservador da Bibliotheca do Porto de que: «... não foi possivel encontrar o brazão de armas de Villa Nova de Portimão». — Por outro lado, na Historia de Portugal por Monuel Pinheiro Chagas, edição de 1900, tomo 21.º pag. 323, está inserto um brazão de armas como sendo o de Villa Nova de Portimão e é elle conforme o croquis que aqui junto remetemos. — Essa illustrada Associação, porém, mercê da elevada competencia e amor ao estudo e investigação historica dos seus doutos componentes, dicidirá do caso, conforme é aspiração da Camara Municipal deste Concelho e por tudo quanto se digne fazer atinente ao fim em vista, antecipadamente, em nome do mesmo Municipio, muito efusivamente agradeço. — Saude e Fraternidade. — O Presidente da Comissão Executiva, (a) *Jaime .....?.*»

O desenho que acompanha este amavel oficio, é de um escudo assim disposto:

— Um leão tendo em chefe um casco e em cada canto um J. Em cada canto do contra chefe um B. —

Na colecção de cartões com as armas das cidades e villas, feita em meados do Seculo passado, estão exactamente as mesmas armas com o campo de vermelho e o Leão d'ouro, o casco azul e as letras pretas.

Não sei onde o auctor da colecção de cartões com armas das cidades e villas foi buscar estes esmaltes, mas o que é curioso é que as Armas da Famillia Valente teem um leão faxado de ouro e azul em campo vermelho, e o primeiro Senhor de Villa Nova de Portimão chamou-se Gonçalo Vaz de Castello Branco Valente. (1)

No Archivo Municipal de Lisboa, no processo refe-

(1) As armas da Famillia Castello Branco são de azul com um leão de ouro, armado e lampassado de vermelho.

rente á tentativa de construcção de um livro das Armas das Cidades e das Villas, existe o seguinte officio:

— Camara Municipal de Villa Nova de Portimão. — Ill.mo Sr. Ayres de Sá Nogueira. — A Camara Municipal d'esta Villa, a quem apresentei a carta que V. Ex.ª teve a honra de lhe dirigir, encarrega-me de em resposta levar ao conhecimento de V. Ex.ª que ella não pode satisfazer ao seu pedido; porque esta Villa não tem nem teve

Sello de Portimão segundo este parecer

nunca Armas proprias: aquellas de que uzava eram as dos Castellos Brancos, senhores d'ella de que apenas existe um Brazão aberto n'uma pedra cahida das antigas muralhas, a qual se acha em casa de um particular. — Deus Guarde V. Ex.ª. — Portimão, 26 de Outubro de 1855. — O Presidente (assignatura illegivel).

Gonçalo Vaz de Castello Branco Valente foi pae do 1.º Conde de Villa Nova de Portimão, D. Martinho de Castelllo Branco. As Armas dêstes Condes eram esquarteladas de Castello Branco e de Valente.

Ligaram-se estes Condes aos de Sortelha e depois incorporaram-se na Casa dos Marquezes de Abrantes.

Villa Nova de Portimão devia ter tido o seu sêlo e, portanto as suas Armas, visto que teve foral, mas, como sucedeu a tantas outras terras de Portugal, perdeu-se-lhe o feitio.

Insiste a actual cidade de Portimão, e com muita razão, em crear as suas Armas, ao que em 10 de Dezembro corrente vinha uma referencia no Jornal «O DIARIO DE NOTICIAS» que passo a transcrever:

PORTIMÃO NA ANTIGUIDADE E O SEU BRAZÃO D'ARMAS — Não nos offerece a historia antiga larga copia de informes acerca de Portimão.

Alexandre Herculano, na sua historia de Portugal, descrevendo o cerco e tomada de Silves em 1189, é passageiramente que se refere a «Porcimunt», nome com que os christãos designavam esta antiga povoação mussulmana.

Em compensação, o mesmo historiador falla mais demoradamente de «Albur» (charneca, baldio) que é o Alvôr de hoje, pertencente a este Concelho e que n'aquella epocha possuia um dos castellos mais fortes que guarneciam a orla maritima de Chenchir, antiga provincia do Algarve, que tinha como capital Chelb (Silves).

Quando d'aquelle cerco e tomada de Silves, no reinado de D. Sancho I, a expedição que levou a effeito aquella empreza e que se compunha de 37 galés e navios de alto bordo, tomou antes o Castello de Alvor, onde os serracenos se haviam acolhido e onde em vez do almejado amparo encontraram a ultima destruição. Os vencedores, cruelmente, sem perdoar a sexo nem a edade «puzeram a ferros perto de seis mil pessoas e deixaram a povoação reduzida a um monte de ruinas.

A 16 de Julho d'aquelle anno de 1189 fundeava na bahia de Portimão a referida armada, seguindo-se o cerco de Silves, uma das paginas mais brilhantes dos feitos guerreiros d'aquella epocha.

Pela narração do grande historiador parece deprehender-se que em Portimão, n'essa epocha, não existia qualquer castello ou outro meio de defeza a antepor á investida dos invasores, pois que não nos dá conta de aqui se haver travado qualquer peleja.

Esta mesma opinião é firmada pelo fallecido padre José Gonçalves Vieira, na sua «Memoria Monographica de Villa Nova de Portimão, que afirma nunca terem sido encontrados, no solo de Portimão, vestigios de fortificação que remontem aquella epocha.

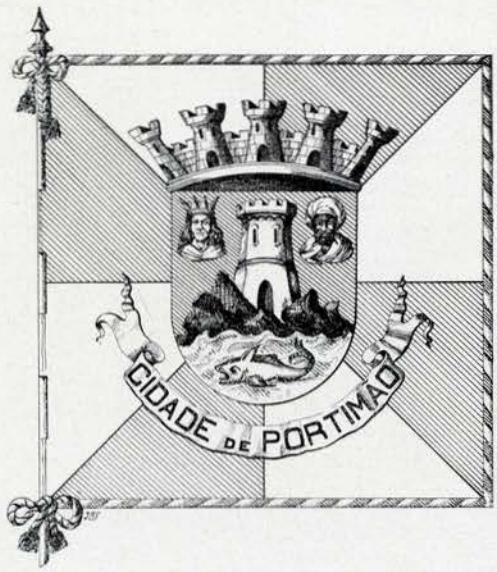
Sobre Brazão d'Armas de Portimão, dividem-se as opiniões: ha quem afirme que Portimão tem Brazão d'Armas, ha quem mantenha opinião contraria.

Na Historia de Portugal de Manuel Pinheiro Chagas, edição de 1900, tomo 21, pagina 323, está incerto um brazão como sendo o de Villa Nova de Portimão.

Tal brazão differe, porém, por completo do que se encontra na capa do foral existente na Camara de Portimão e no estandarte municipal. O Brazão do foral é o de todos os foraes do Algarve dados por D. Manuel I.

Ha mesmo quem, como o padre José Gonçalves Vieira, (obra citado), sustente a opinião de que Portimão «nunca teve brazão de armas».

Este auctor baseia a sua affirmativa no facto de Vilhena Barbosa, citando os brazões de differentes terras do Algarve, como Lagos, Faro, Silves, Loulé e outros, não citar o de Villa Nova de Portimão, e ainda a informação prestada pelo Sr. José Pedro de Lima Calheiros, conservador da Bibliotheca do Porto, de que «por mais voltas



Bandeira de Portimão com as cores indicadas heraldicamente

que d'esse não lhe foi possivel encontrar o brazão de armas de Villa Nova de Portimão».

Em 22 de Maio de 1926 officiou a Camara Municipal de Portimão á Associação dos Archeologos Portuguezes fornecendo-lhe todos os elementos de informação de que podia dispor e terminando por sollicitar que, em face dos mesmos, fosse elucidada se Portimão possui ou não brazão de armas; no caso afirmativo qual era elle; no

caso negativo qual aquelle que poderia ser adoptado com mais ou menos justeza e rigor historicos. São decorridos, porem, largos meses e até hoje nenhuma resposta foi recebida.

Portimão, Novembro de 1927. (a) *Luiz Moreira*

De facto não tem havido possibilidade de formular este parecer pelos muitos afazeres que nos apoquentam.

Neste momento porem estamos tentando satisfazer dezenas de pedidos para estudarmos as Armas de varias Cidades e Villas.

Bandeira e armas da Cidade de Portimão

Percorrendo detalhadamente a historia de Portimão, encontramos que a sua principal manutenção de vida é o trabalho incessante no mar.

A sua grande riqueza é a pesca e a fabricação de conservas de peixe, portanto, somos de opinião que alem das cabeças do Rei Cristão e do Rei Mouro que ha tantos annos caracteriza heraldicamente o Algarve, e que todas as suas cidades e villas estão adoptando nos seus sêlos e por conseguinte nas suas Armas e nos seus Estandartes, e alem da fortaleza que durante tanto tempo serviu de guarda, figure no seu brazão a principal fonte de riqueza de Portimão, — a abundancia do atum.

Sobre a Fortaleza de Santa Catherina vou transcrever o que nos diz o Revd.º Padre José Gonçalves Vieira na sua «Memoria Monographica de Villa Nova de Portimão». Porto. 1911.

A pags. 52 vem:

«Fortaleza de Santa Catherina de Ribamar.—Traduzido em realidade o sonho do Infante de Sagres, e depois que um feliz temporal levou ás plagas americanas as naus, que Pedro Alvares Cabral, perdido na imensidade dos mares, conduzia pelos caminhos da India, todas as attenções dos portuguezes se voltaram para as novas descobertas, que de lá lhes acenavam com farta colheita de oiro e outras riquezas, desviando-as das conquistas, que D. João I e seu neto D. Affonso V, obedecendo a um alto pensamento patriotico, empreenderam na Costa Africana do Mediterraneo com o fim de destruir os ninhos dos piratas, que de lá infestavam as nossas costas.

Estas conquistas, apezar do grande dispendio de braços e cabedaes davam-nos, além do proveito geral, muita honra e gloria, mas não satisfaziam a ambição pessoal, que na India e Brazil encontrava um vasto campo de exploração. Por isso apoz Arzilla e Azamor, os portuguezes, seguindo a nova corrente, foram dando de mão a essas fortalezas tintas com o sangue valoroso dos nossos guerreiros, e uma d'ellas, Fez, consagrada pelo martirio abnegadamente patriotico e resignadamente christão de D. Fernando o *Benjamim* dos filhos de

Sello de Castro Marim segundo o parecer respectivo

D. João I «Inclita géração, altos infantes», como d'elles cantou Camões.

Folgaram naturalmente os mouros por se verem livres de tão incomodos hospedes, que não contentes de os expulsarem d'um paiz que cinco seculos tiveram por seu, ainda em cima os não poupavam em sua propria caza. Sem forças para mais procuraram elles vingar antigos desastres e injurias, sahindo frequentemente nas formosas praias do seu nunca olvidado *Al-gharb*, surprehendendo a população dispersa pelos campos nos tempos das colheitas.

Contra estas sahidas andavam os Algarvios sempre prevenidos, dormindo com as suas armas para acudirem prestes ao primeiro rebate, acastellando os ricos, se tinham foros de fidalguia, as suas quintas, d'onde vem o nome de torre, que ainda hoje se conserva em muitos sitios do Algarve.

Para tranquilidade e segurança dêstes povos mandou D. João III e continuou D. Sebastião, guarnecer a costa algarvia com uma linha de fortificações, de que fazia parte a fortaleza de que se trata.

Assenta esta fortaleza, ao sul da barra, em uma alta e escarpada rocha no extremo oriental da *praia das artes*...

Como representação desta fortaleza deve figurar uma torre nas Armas da Cidade de Portimão. Portanto, propomos que estas Armas sejam assim constituidas:

— De verde com uma torre de prata acompanhada em chefe por uma cabeça de carnação branca coroada de ouro e por uma cabeça de carnação negra com um turbante de prata. A torre assente sobre rochedos de negro, banhados por um mar de prata aguado de verde com um peixe de negro nadante. Corôa de cinco torres de prata. — Bandeira quarteada de verde e branco. Por debaixo das Armas uma fita branca com letras prêtas.—

Predomina o esmalte verde nestas Armas e na Bandeira, porque esta côr em heraldica corresponde á agua e significa esperança e fé.

A Cidade de Portimão vive do mar que em heraldica é representado de esmalte verde.

Indico o metal prata para a torre e para o peixe porque significa riqueza.

A corôa mural é de cinco torres porque assim indica que é cidade, motivo porque tambem a bandeira é quarteada conforme usam todas as cidades, á excepção daquellas que por qualquer motivo especial teem uma só côr na bandeira.

*

* *

Em 20 de Junho deste anno de 1928 recebi a amavel visita do Sr. Luiz Moreira, Chefe da Secretaria da Camara Municipal de Portimão que em nome da Comissão Administrativa da mesma Camara me agradeceu com frases muito cativantes o meu estudo entregando-me o oficio que vou transcrever:

«Camara Municipal do Concelho de Portimão - N.º 322 - Portimão, 16 de Junho de 1928. - Ex.mo Sr. Affonso de Dornellas. Lisboa — O portador do presente é o Sr. Luiz Moreira, Chefe da Secretaria da Camara Municipal deste Concelho e autor da local publicada no Diario de Noticias de 10 de Dezembro ultimo sob o titulo «Portimão na antiguidade e o seu brazão de armas» a que V. Ex.ª alude, e transcreve, no parecer por V. Ex.ª apresentado á secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes e aprovado em sessão de 14 de Dezembro de 1927, conforme comunicação que V. Ex.ª se dignou fazer o esta Camara Municipal em sua carta de 15 do corrente, acompanhando-a dos desenhos do estandarte e armas desta cidade, o qual tendo necessidade de ir a Lisboa vae encarregado por

Bandeira de Castro Marim com as cores indicadas heraldicamente

esta Camara Munipal de agradecer, muito particularmente, o valioso trabalho de V. Ex.ª sobre o assumpto. Esta Camara vae adoptar no seu estandarte e sello da Repartição os desenhos conforme os enviados por V. Ex.ª e ao portador V. Ex.ª se dignará fornecer quaesquer elementos atinentes á execução de tal. Queira V. Ex.ª aceitar, como de nos proprios, os agradecimentos que o portador enderecerá a V. Ex.ª, por tão importante serviço prestado a esta municipalidade. Saude e Fraternidade. — O Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal (a) *Guilherme Francisco...?*»

ARMAS DE CASTRO MARIM

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas e aprovado em Sessão de 30 de Novembro de 1927 ua Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes.

A antiquissima Villa de Castro Marim foi construida sobre ruinas de velha epocha para guardar a entrada do Rio Guadiana ficando em frente de Ayamonte, cidade de Andaluzia que por parte da Espanha ali guarda tambem a entrada do mesmo Rio.

O livro mais antigo que conheço que inclue as armas de dominio das Cidades e Villas de Portugal e Espanha chama-se «Poblacion General de España sus tropheos, blasones etc. por Rodrigo Mendes da Silva, Madrid. 1645. Nesta obra não indica armas proprias nem para Castro Marim nem para Ayamonte dizendo porem que esta cidade usava as armas das famillias Gusmão e Zuniga que eram seus senhores.

Ignacio Vilhena Barbosa na sua obra «As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem brazão d'armas» Tomo I. Lisboa. 1865, apresenta-nos como armas de Castro Marim uma cidade fortificada tendo em chefe

Bandeira e armas da Villa de Castro Marim

A Villa de Castro Marim teve varios foraes atravez da sua historia como se póde ver na Torre do Tombo onde sobre estes assumptos há referencias no Livro 1.º do Rei D. Diniz a folhas 44 verso, no Livro 1.º do Rei D. Affonso III a folhas 141, no maço de autos sobre Direitos Reaes, na Ordem de Christo, etc., etc.

as armas nacionaes encimadas pela Corôa Real. Não tem estas armas qualquer caracteristica que nos fale da historia de Castro Marim razão porque a Camara Municipal da mesma Vila expediu o seguinte oficio:

«Camara Municipal de Castra Marim (Comissão Executiva). — N.º 6 — Ex.ma Associação dos Archeologos Portuguezes. Lisboa. — A

Comissão Executiva desta Camara em sua sessão de 13 do corrente deliberou pedir a essa Ex.ma Associação o estudo das suas armas e respectiva bandeira ou estandarte visto não existir no seu archivo qualquer sello ou registo a que isso se refira. Esta comissão conscia de que a Ex.ma Associação se dignará empregar os seus melhores esforços para a obtenção do que deseja tem a honra de apresentar com as suas saudações e os seus agradecimentos. — O Presidente da Comissão Executiva (a) *José Xavier.*»

A actual Commissão Administrativa da mesma Camara já por duas vezes, em 8 de Julho e 5 de Outubro do corrente, instou pelo mesmo estudo.

Encarregado de fazer o respectivo parecer, troquei varia correspondencia com o Tesoureiro da mesma Camara Snr. Manuel Francisco Prudencio da Costa, pessoa conhecedora da historia de Castro Marim, Membro do Instituto do Algarve, que me enviou preciosos elementos como por exemplo que existiam chaves esculpidas sobre as portas do Castelo e da Cidadela e que nada existia nos arquivos antes de 1801 alem do Foral de D. Manuel I.

As armas que tem usado, as taes da cidade fortificada tendo em chefe as armas Reaes, devem ser relativamente modernas, pois no arquivo da Camara Municipal de Lisboa existe entre uma grande quantidade de respostas de varias Camaras Municipais dando elementos para uma obra que a de Lisboa desejava fazer sobre as armas de dominio Portuguezas, a seguinte carta:

— Camara Municipal de Castro Marim. — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tive a honra de receber o officio de V. Ex.a datado de 25 de Setembro findo, no qual expõe o grande plano com que essa Ex.ma Camara Municipal pretende levar a effeito, co-ordenando a historia dos Brazões d'Armas de todas as Povoações d'este Reino, e Provincias Ultramarinas; sobre o que tenho a dizer a V. Ex.a que n'esta Camara não existe documento algum por onde se possa vir no conhecimento da historia respectiva a este concelho pois que se alguns papeis pertencentes a este assumpto existiam n'este archivo, foram roubados nos tristes acontecimentos de 1828 e 33; tendo sido todo o archivo estragado n'aquella ocasião: onde porém se encontram alguns esclarecimentos, é na Chorographia, o memoria economica Estatistica e topographica do Reino do Algarve, feito por João Baptista da Silva Lopes, onde V. Ex.a poderá talvez encontrar documentos que o poderão elucidar. Emquanto porém ao Brazão d'Armas d'este Municipio, não consta haver outro mais do que as Armas Reaes, as quaes ainda se divizam apezar que já muito damnificadas na porta do Castello. Sou com a maior consideração. De V. Ex.a Mt.o At.o Ven. e Obgd.o (a) *João da Ponte Cabreira.* Castro Marim, 31 de Outubro de 1855.

Ora tendo sido esta carta escripta em 1855, deviam as armas que a Camara tem usado, sido adoptadas no intervallo que vae deste anno a 1865 em que Ignacio Vilhena publicou a obra acima citada.

Castro Marim pela sua historia e pelas suas tradicções merece umas armas que falem bem da sua vida.

Aqui estiverão os Templarios e aqui nasceu a Ordem de Christo onde esteve até 1356 em que foi transferida para Thomar.

Foi Castro Marim dos Mouros, aquem a tomou o Fronteiro-mór do Algarve D. Paio Peres Correia no tempo de D. Affonso III, emfim Castro Marim necessita ter os principaes factos da sua vida, bem salientes nas suas armas.

Como as antigas armas do Algarve constavam da cabeça do Rei Christão e da cabeça dum mouro, teem as cidades e villas do Algarve, adoptado na composição das suas armas estas duas cabeças, como por exemplo: Silves, Villa Real de Santo Antonio, Olhão, Alcoutim, Monchique etc.

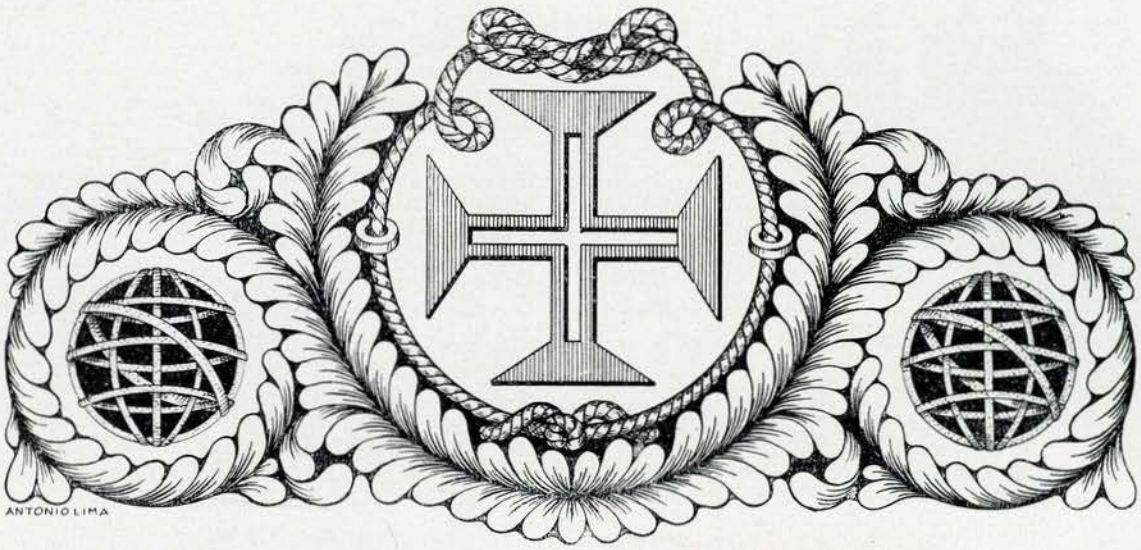
Em face pois disto, proponho que as armas da villa de Castro Marim sejam:

— De ouro com um Castello vermelho, sobre um terrado da sua côr. O Castello acompanhado das cruzes das Ordens do Templo e de Christo. Em chefe duas chaves de negro em aspa acompanhadas por duas cabeças uma de carnação branca coroada d'ouro e outra de carnação negra com turbante de prata. Em contra chefe, um rio ondado de prata e de azul. Corôa mural de prata de quatro torres.

— Bandeira esquartelada de vermelho e de negro, tendo por debaixo das armas uma fita branca com letras pretas.

Proponho que o campo seja d'ouro por este metal ser o mais nobre e por significar nobreza, fidelidade e poder; que o Castelo seja de vermelho por ser o esmalte de primeira cathegoria e por representar victorias, ardis e guerras; e que as chaves sejam de negro, por ser o metal que representa a riqueza e ainda por ser uma das côres da bandeira dos Templarios que foram os primeiros a, em nome do Rei de Portugal, guardarem a entrada do Rio Guadiana.

Como as peças principais das armas são o Castello e as chaves, deve a bandeira ser das respectivas côres vermelho e negro.



HERALDICA DE CORPORAÇÃO

GREMIO DOS AÇORES

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes e aprovado em sessão de 13 de Junho de 1928.

E' interessante e digno do maior apreço o movimento altamente patriotico que ultimamente se tem desenvolvido em Portugal, sendo uma d'essas manifestações a fundação de grupos de amigos locaes e a fundação de gremios de naturaes de terras que habitam fóra da sua região.

Em Lisboa vivem imensos Açoreanos que dia a dia se estão approximando mais, para recordar a terra mãe, com o carinho merecido, procurando engrandecer as qualidades d'aquellas terras previlegiadas e procurando tornar conhecidos os seus encantos que as tornam maravilhosas.

Vejamos o officio recebido na Associação dos Archeologos e que o Conselho Administrativo para o respectivo estudo remeteu á Secção de Heraldica.

Gremio dos Açores.—Avenida da Liberdade, 100, 2.º – Lisboa, 7 de Junho de 1928 – Ex.mo Snr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes.—Desejando a Direcção deste Gremio renovar o seu timbre, dentro das bases heraldicas e historicas, tenho a honra de rogar a V. Ex.ª se digne manifestar-se sobre a representação heraldica da bandeira, escudo e sello do Grémio dos Açores dando por base que o emblema das descobertas e conquistas bem como a representação do Archipelago Açoreano devem ali figurar.—Saude e Fraternidade — O Presidente da Direcção (a) *Christovão Moniz.*»

Este officio é encimado por uma esphera armilar acompanhada em orla de nove estrellas e rematada por um açôr poisado e de azas abertas.

Quem estuda heraldica acha muito mal ordenado este emblema, por d'elle fazerem parte a esphera armillar e as estrellas.

A esphera armillar foi um emblema absolutamente pessoal que o Rei D. Manuel I adoptou ainda antes de ser Rei, mas adoptou-a com o respectivo pé exactamente como as espheras armilares existentes nas escolas representando convencionalmente o systhema astronomico, tendo por base o centro da terra.

Durante a vida do mesmo Rei, a esphera appareceu em tudo ao lado das Armas Nacionaes, mas nunca misturando-se com ellas.

Nas primeiras paginas dos Foraes lá apparecia o emblema referido ao lado das Armas Reaes chegando até a haver uma bandeira com uma esphera ao centro para figurar nos navios que eram destinados ás conquistas.

O Brazil, calculando naturalmente que Pedro Alvares Cabral teria levado a referida Bandeira, quando descobriu aquella vastissima região em 1500, adoptou mais tarde a esphera armillar como emblema heraldico o que resultou que o escudo nacional fosse adaptado sobre a mesma esphera, quando o Estado Portuguez se passou a denominar Reino Unido de Portugal e Brazil, conforme decreto datado do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1817, quando El-Rei D. João VI alli esteve.

As armas de Portugal deixaram de ser assentes sobre a esphera armilar em 1825 quando o mesmo Rei reconheceu a independencia do Brazil.

Em 1911, quando o Governo da Republica decretou a Bandeira Nacional Portugueza, sem que os estudiosos de heraldica o comprehendessem e portanto o possam explicar, appareceram restauradas as antigas Armas do Reino Unido de Portugal e Brazil, como sendo as Armas da Republica.

Veja-se como o Rei D. Manuel I nos seus tempos de escolar, adoptando um emblema, como hoje se ado-

Sello do Gremio dos Açores segundo este parecer

ptam e criam ex libris, foi afinal o inventor das Armas do Reino Uunido de Portugal e Brazil e ainda das Armas da Republica Portuguesa.

Lá para as primeiras, mesmo sem grande base, ainda vá, pois foi no Reinado deste Rei que o Brazil foi descoberto, agora para em 1911, por decreto de 19 de Julho, ser a esphera adoptada para as Armas da Republica Portugueza, é que por mais que procure não encontro a menor base.

Deve-se notar ainda que o referido decreto de 1911 diz que será adoptada a «esphera armilar manuelina», o que afinal não chegou a acontecer, pois a esphera armilar manuelina era a reproducção exacta do instrumento escolar com o seu respectivo pé, tendo sobre a Ecliptica a divisa «SPERO», e não o que se vê actualmente adoptado em bandeiras, esculpturas, impressos, moedas, etc.

O que é facto é que hoje a esphera faz parte das Armas Nacionaes portanto, não pode ser adoptada para emblema de qualquer instituição.

No referido emblema que tem sido adoptado pelo Gremio dos Açôres figuram como acima disse, nove estrêllas.

Attendendo aos boatos que de vezes a tempos se renovam das pretenções dos Estados Unidos da America sobre os Açôres, parece-nos como bons patriotas que prezamos de ser, que sob qualquer pretexto se representem as nove ilhas dos Açores por nove estrêllas.

A coincidencia que se dá de se ligar para a representação dos Açores a figura de um açôr com as estrellas, ainda mais vem agravar a confusão, pois apesar de não estarem na mesma disposição em que se encontram as estrellas junto da aguia que simbolisa os Estados Unidos da America, no aspecto geral, os elementos são os mesmos, pois a aguia é confundivel com o açôr.

Não aconselhamos portanto que na composição do emblema do Gremio dos Açores, entrem as estrellas seja sob que pretexto fôr.

Dos trez elementos, esfera, estrellas e açôr, adoptados até à data pelo Gremio dos Açores, achamos que, aproveitada a oportunidade do referido Gremio querer reformar o seu emblema, apenas deve ser aproveitado o açôr.

Como razões fundamentais para isso alegamos:

1.º A esfera, quando pelo Rei D. Manuel I, foi empregada na Bandeira que figurava nos navios destinados á expansão do dominio portuguez, já os Açores estavam incorporados neste dominio. D. Manuel I foi aclamado Rei em 1495.

2.º As estrellas em numero de nove, marcando o numero de Ilhas que formam o Archipelado dos Açores é copia da aglomeração de estrellas que figura nas Armas dos Estados Unidos da America, onde tambem cada estrella marca cada estado dos que formam a União, alem do que ha o inconveniente acima de todos importantissimo, de, pelas razões politicas bem conhecidas, não dever existir a menor parecença entre a representação heraldica dos Estados Unidos da America, e do Archipelago dos Açores que tão portuguez é.

Arrumado este assunto vamos estudar o novo emblema.

Chama-se heraldica de corporacão aquella que distingue as ordens militares ou religiosas, os institutos scientificos, as instituições de beneficencia, de comercio, de industria, emfim de todas as corporações que teem um fim determinado e de utilidade.

Os elementos heraldicos que constituem os emblemas das instituições desta natureza, não se devem representar dentro de um escudo, por este escudo não poder ser encimado por qualquer objecto.

A heraldica de Familia tem os timbres sobre os elmos, ou tem as corôas nobiliarchicas que encimam os escudos.

As armas de dominio principalmente das cidades e das vilas teem a corôa mural, que pelo seu numero de torres indica a categoria de cidade ou de vila.

Na heraldica de corporação não ha razão para arrematar um escudo, portanto evita-se que os elementos heraldicos exijam um campo, a não ser o do estandarte.

Não podemos pois aconselhar que o emblema do Gremio dos Açores seja colocado dentro de um escudo, ou que na sua composição figure um escudo.

Se houvésse a necessidade absoluta de representar as nove ilhas nesse emblema e se pudéssemos aconselhar a existencia de um escudo na composição do mesmo emblema, diriamos que desse escudo deveria constar um mar com nove ilhas.

Já não era novidade, pelo menos na heraldica de familia, pois nas Armas de Christovão Colon, lá se vê um mar semeado de ilhas, alusivo á descoberta das Antilhas.

Muitas vezes são estes assuntos prejudicados pelas regras estabelecidas, pois haveria varias formas de organisar um emblema de aspecto artistico apesar de alterar as regras, razão porque podendo-nos limitar a aconselhar o que nos parece mais razoavel dentro das normas da heraldica, estamos mostrando os inconvenientes das diferentes formas que poderiam ser empregadas.

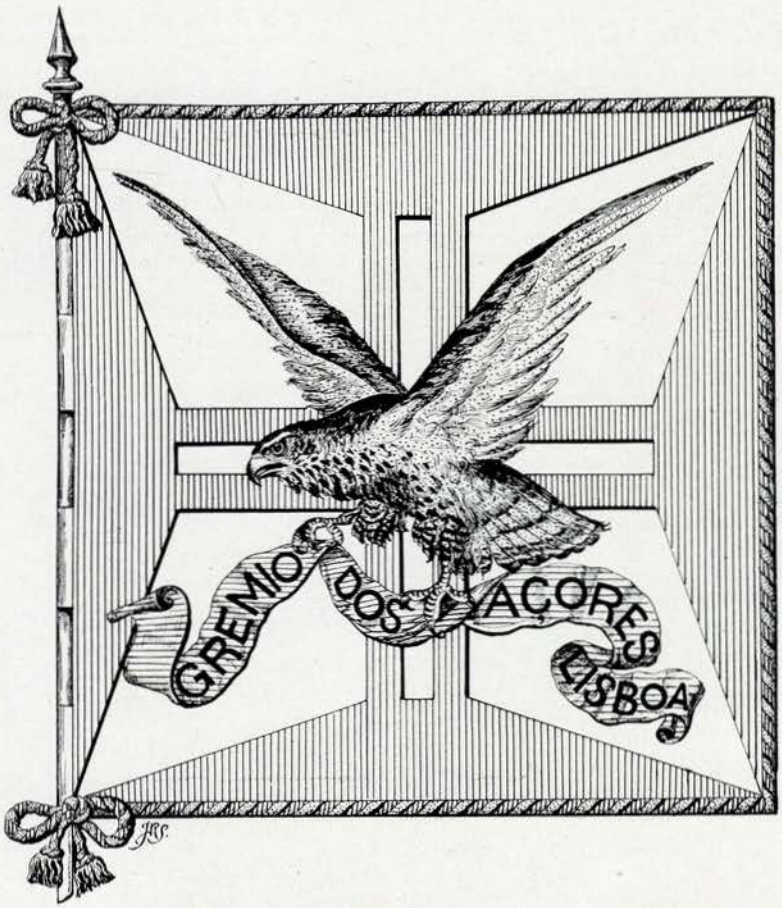
Já demonstrâmos que há uma certa impossibilidade de incluir a representação das nove ilhas no emblema do Gremio dos Açores.

No oficio acima transcrito, dá-se como base o emblema das descobertas e conquistas que consiste na Cruz de Christo.

Apenas como simples informação, diremos que esta cruz é privativa da Ordem Militar de Christo e só pode ser usada pelos dignatarios que podem ser pessoas ou colectividades.

Não aconselhariamos a qualquer corporação que assumisse o uso de tal cruz sem haver motivo para isso, mas atendendo a que ha apenas neste caso, o desejo de que a cruz figure porque, quando os Açores foram ocupados pelos Portugueses, os navios que ali os levaram, com certeza deveriam ter nas velas ou nas bandeiras a mesma Cruz de Christo, e por sermos de opinião que é necessario substituir as estrelas, que teem sido usadas e que podem indicar para estrangeiros que ha qualquer afinidade com a America, por um emblema que o mundo saiba que é portugues, achamos bem que o Gremio dos Açores adopte a Cruz de Christo como base fundamental do seu distintivo.

Ainda o mesmo oficio diz que é desejo do referido



Bandeira do Gremio dos Açores com as cores indicadas heraldicamente

Gremio que no emblema a estudar, entre a representação do Arquipelago Açoreano. Vamos pois dizer que deve ser o Açor; aquele mesmo açor que sobre a esfera tem sido usada pelo mesmo Gremio.

Deve ser um açor voante carregando a Cruz de Christo e tendo nas garras uma fita com os dizeres «Gremio dos Açores», quando se trate do Estandarte.

A Bandeira da Ordem de Christo, aquela que andou nas Caravellas e nas Naus a caminho de mares desconhecidos, era branca e ocupada por completo pela Cruz de Christo que com os topos dos braços limitava a bandeira.

A Bandeira do Gremio dos Açores deve ser assim constituida:

Cruz de Christo, carregada de um Açor voante de ouro segurando nas garras uma fita azul com os dizeres «GREMIO DOS AÇORES — LISBOA» a letras d'ouro.—Bandeira branca sendo os lados limitados pelos topos dos braços da cruz.

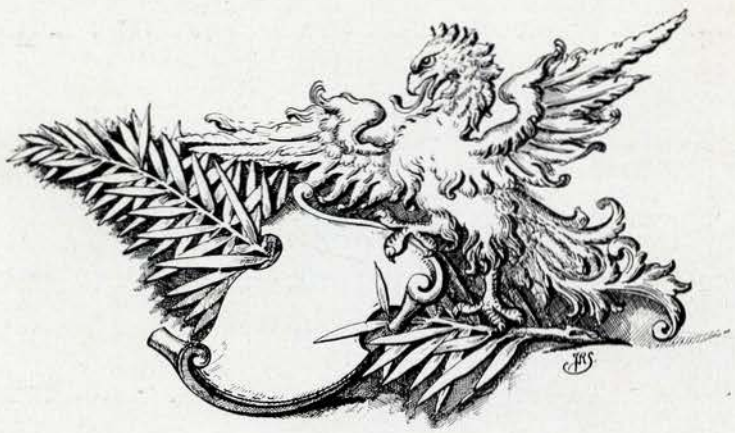
O selo e portanto o distintivo, deve constar do mesmo emblema á excepção da fita suspensa das garras do Açor. Em volta da cruz, com forma circular é que devem ser usados os dizeres.

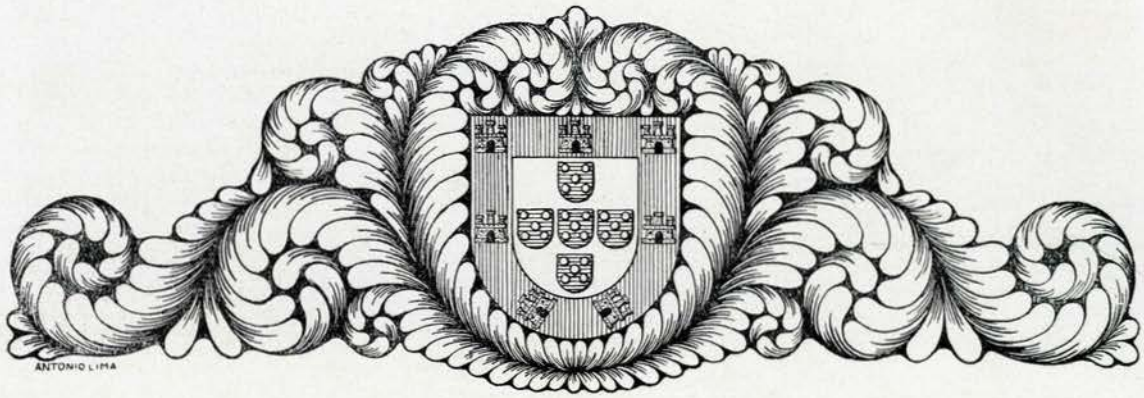
Esta disposição para o selo e distintivo evitará que os dizeres fiquem em ponto muito pequeno quando o emblema seja de tamanho muito reduzido.

Quando a Secção de Heraldica da Associação dos Arqueologos Portugueses receber pedido para estudar a heraldica dos Açores, achamos vantajoso que nas Armas das Cidades e das Vilas figure um açor em chefe além d'outras peças que as componham, tornando assim caracteristicas as armas de dominio do mesmo arquipelago.

É indispensavel que tal estudo se faça, pois que as Armas de dominio dos Açores são a negação completa da heraldica, e não ha hoje o direito de se manterem tais erros visto que existem conhecimentos suficientes para por as coisas no seu lugar.

Julgamos pois ter deixado justificado o nosso modo de ver sobre a organisação do emblema do Gremio dos Açôres.





DOCUMENTOS ANTIGOS

O primeiro documento datado relativo á tomada de Lisboa e a mais antiga instituição de Capela que conhecemos

Comunicação feita por J. Mendes da Cunha Saraiva em sessão da Assembleia Geral da Associação dos Archeologos Portuguezes em 7 de Junho de 1928.

SEMPRE nos interessamos pela historia da velha Lisboa, e muito particularmente pela da sua veneranda Cathedral.

Salvo o devido respeito pelos cabouqueiros da história d'esta reliquia olissiponense, apesar dos grandes trabalhos por eles empregados, pouco se sabe, sobretudo, em relação á parte architectónica.

O que os differentes autores teem dito sobre este monumento, em relação às suas transformações, estilos e respectiva chronologia, não passa, com raras excepções, de hipotheticas conjecturas.

Apesar dos escassos conhecimentos que temos sobre tais assuntos, mas animados dum sentimento artistico e pela grande admiração que temos pelo glorioso Passado, d'esde ha muito que vimos carreando material, no intuito de fazermos alguma coisa util para a historia d'aquelle Templo.

Todavia, o que possuimos já, ainda que não seja um vasto e completo repositorio documental, é alguma coisa de vallioso.

Nas peregrinações feitas fugidamente pelos arquivos, quiz o acaso—e estas coisas só por acaso—que tivessemos a sorte de encontrar um documento que julgamos importante para a historia de Lisboa, quando nossas investigações levavam outro rumo de estudo — subsidios para a historia do povoamento no Vale do Mondego na alta Idade Media — trabalho este que nos interessa bastante.

Foi no arquivo do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, á guarda da Torre do Tombo — vasta colecção de documentos preciosos para a historia da região da Beira — onde encontramos o documento de que vamos tratar.

Duplo interesse mostra este diploma, porque, alem de ser o primeiro documento datado que fala no cerco e tomada de Lisboa, e por tal facto maior valor se lhe pode atribuir, é ainda uma das primeiras instituições e doação de capela que conhecemos.

*

* *

Depois de longo e apertado cerco posto por D. Afonso Henriques e guerreiros *cruzados*, eram os sarracenos que tão denodadamente haviam defendido *Lixbona*, obrigados a capitular.

Conforme os *Chronicões* da epoca, cessou a resistencia na Praça, a 21 de Outubro de 1147, tendo D. Afonso Henriques realizado sua entrada triunfal quatro dias depois, a 21 do mesmo mez.

Segundo o senhor tenente coronel do Estado Maior, Costa Veiga, ajudaram á expugnação da cidade, cerca de 10.000 francezes, alemães e inglezes, que em armada bélica se dirigiam á Terra Santa.

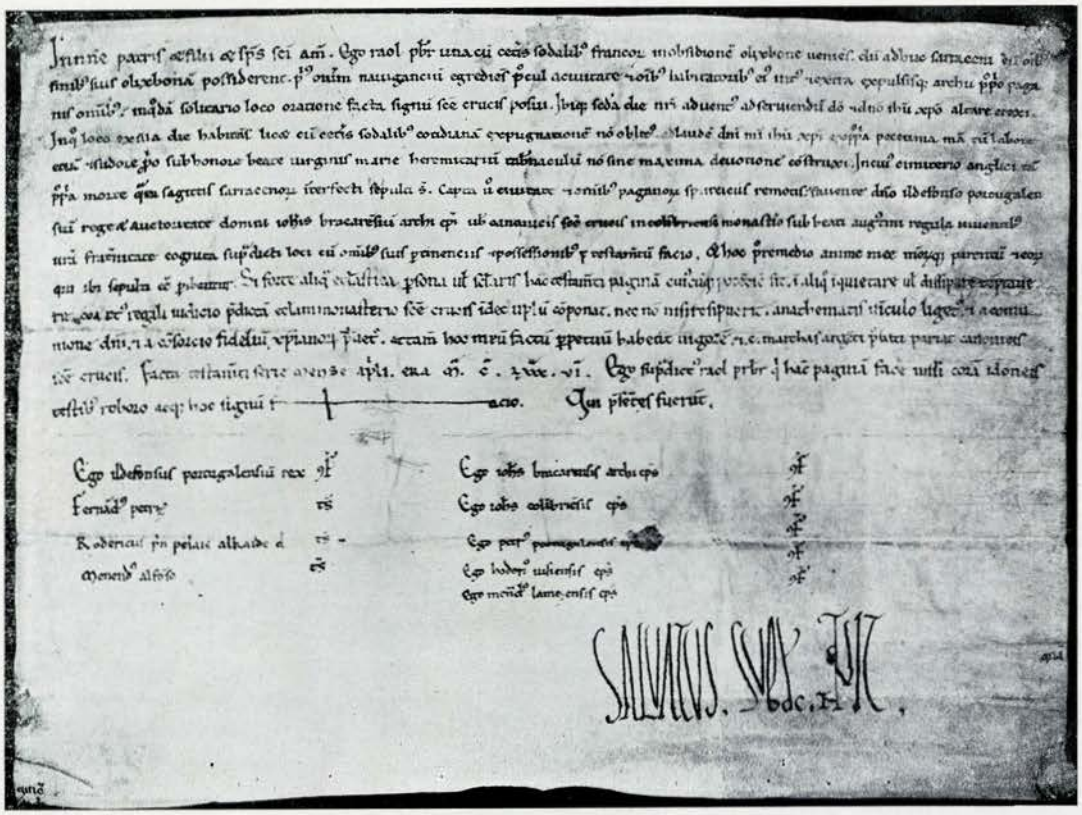
Alguns destes guerreiros deixaram-nos memorias do grande feito, e a do cavaleiro Osberno, encontra-se publicada nos *Portugaliae Monumenta Historica — Scriptores*, vol. I. pagina 392; mas, tanto esta como as outras, não estão datadas.

O documento de que tratamos, reproduzido no presente artigo, é datado do mes de Abril da era de 1186 (ano de 1148), ou seja cinco meses, apenas, sobre a reconquista de Lisboa. E' ele, sem duvida, o primeiro testemunho escrito da tomada da capital, contendo alem disso, certos pormenores interessantes sobre o cerco.

a *Deus e a nosso Senhor Jesus Cristo*, habitando desde aquele dia neste lugar com seus companheiros, sem nunca esquecerem todos os dias de irem combater a cidade.

Para louvor do *Senhor Jesus Cristo*, construiu com o seu proprio dinheiro e tambem com o seu trabalho e suor, não sem a maxima devoção, um *Ermiterio — Tabernaculo (Capela)* — em honra da *Beata Virgem Maria;* no cemiterio do qual Eremiterio foram sepultados os ingleses mortos pelas setas sarracenas ou de morte natural.

Tomada a cidade e removidas todas as immundicies



Dos cavaleiros que em *cruzada* se dirigiam ao Oriente e ajudaram a expugnação de Lisboa, muitos eram clerigos, segundo a memoria de Osberno. Entre eles vinha o Presbitero *Raol*, que nos deixou em seu testamento da«ferie mense ap'li Era M^a. C^a. Lxxx^a. Vi^a» um precioso documento para a historia de Lisboa.

Diz o padre *Raol*, que vindo para o cerco de Lisboa com seus companheiros, foi o primeiro que desembarcou longe da cidade e de seus maradores, e encontrando-se em lugar então solitario, depois de feita oração poz «*signum sancte crucis*»; e, logo no segundo dia da sua chegada, levantou um altar no mesmo lugar para servir dos pagãos, êlle, o padre *Raol*, com o favor do Rei dos Portuguezes e por auctoridade de D. João, Arcebispo de Braga, fez seu testamento, com doação, aos frades do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, do lugar onde tinha fundado o Eremitério ou Capela, com suas pertenças e possessões, para remédio da sua alma, da de seus parentes e dos que foram sepultados no dito cemitério.

Alem do Rei D. Affonso Henriques, confirmaram o testamento, o Arcebispo de Braga, D. João, e os Bispos de Coimbra, D. João, do Porto, D. Pedro, de Vizeu, D. Hodório e de Lamengo, D. Mendo, e alguns cavalleiros como testemunhas.

Qual o local onde se levantou a Capella do padre *Raol*, que foi a primeira paróchia fundada por christãos, visto que ao abrigo dêste Eremitério habitava aquelle padre com os guerreiros seus companheiros? Onde construiram um cemitério, como acima vimos?

Haverá alguma analogia entre esta Capella em honra da *Beata Virgem Maria*, e a Igreja paroquial de *Nossa Senhora dos Martires*, tambem fundada em 1147, no monte onde mais tarde se levantou o convento de S. Francisco, hoje Bibliotheca Nacional e Largo do mesmo nome?

São interrogações, a que, pelo menos, por emquanto, não podemos responder.

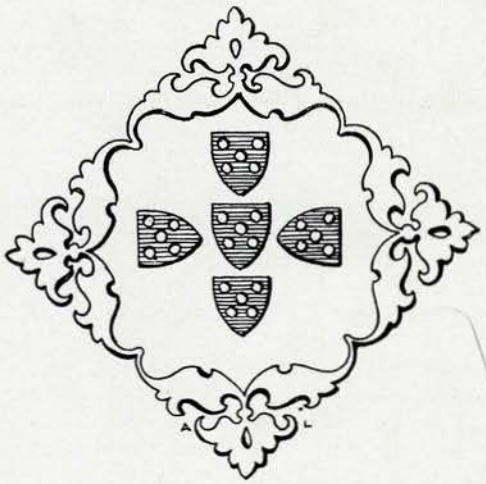
No emtanto, é curioso notar que na planta da cidade de Lisboa, publicada pelo sr. Christovão Aires, no 4.º volume da sua *História do Exercito Portuguez*, a indicação do local sob a designação «Y», em que diz: «Logar que serviu de cemiterio para os cruzados inglezes durante o cerco de Lisboa de 1147, e onde D. Affonso Henriques fez erigir durante o mesmo cêrco, a primitiva capella de Nossa Senhora dos Martires».

Vejamos agora a versão do referido documento pelo eminente professor Sr. Doutor José Maria Rodrigues, com que em extremo nos honra, vindo, de seu lado, realçar as modestas considerações do nosso despretencioso artigo.

«Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo — Amen. — Eu Raol Presbitero (?), vindo para o cêrco de Lisboa, juntamente com os outros companheiros, quando ainda os sarracenos estavam de posse de Lisboa e de todo o seu termo, sendo de todos os que vinham, por mar, o primeiro que desembarquei, longe da cidade e de todos os seus moradores de dentro e de fora, expulsos pelo próprio cêrco todos os pagãos, em um lugar solitário, depois de feita oração, pus o signal da Santa Cruz. E aí, ao segundo dia da nossa chegada, para servir a Deos e a Nosso Senhor Jesus Christo, erigi um altar. E habitando desde aquêle dia nêste lugar, embora me não esquecesse de ir todos os dias combater a cidade com os outros companheiros; para louvor do meu Senhor Jesus Christo, com o meu proprio dinheiro e tambem com o meu trabalho e suor, não sem a máxima devoção construi um eremitério — tabernáculo (capela) — em honra da *Beata Virgem Maria*, no cemitério do qual foram sepultados (os) Inglezes que morreram quer de morte natural ou quer ás mãos dos sarracenos.

Tomada, porém, a cidade e removidas todas as imnndicies dos pagãos, com o favor de D. Affonso, rei dos portuguezes, e por autoridade de D. João, arcebispo de Braga, a voz os conegos de Santa Cruz, que viveis no mosteiro de Coimbra, sob a regra de Santo Agostinho, conhecida a vossa fraternidade (caridade) - faço-vos testamento do supradito lugar, com todas as suas pretensas e possessões. E faço isto para remedio da minha alma e da meus parentes e dos que se diz que aí estão sepultados. Se por acaso alguma pessoa eclesiástica ou secular, qualquer que seja o lugar que exerça, tentar impugnar ou anular em alguma coisa este documeato de testamento, pague obrigado pelo tribunal do Rei o dobro ao mosteiro de Santa Cruz, e se não se arrepender incorra em anátema e seja privado da Comunhão do Senhor e da sociedade dos fieis christãos. E êste meu acto tenha vigor perpetuo. E pague 100 marcos de prata aprovada (corrente) aos cónegos de Santa Cruz. Feito o testamento na *férie* do mez de Abril da era de 1186. Eu supradito Raol Presbitero (?) mandei fazer este documento (página) perante testemunhas idoneas e roboro e faço o meu signal. Eu Affonso Rei dos Portuguezes conf. João, arcebispo de Braga, conf. João, bispo de Coimbra conf. Pedro bispo do Porto conf. Hodório, bispo de Vizeu conf. Mendo, bispo de Lamego conf. Fernando. Pedro. Rodrigo... Pelagio alcaide. Mendo Affonso. Test. Salvador subdiácono, notário.»

O original dêste documento, escrito em pergaminho *menbranaceus* mede 0,m28 × 0,m21 e encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, collecção especial, segunda parte, caixa 35, maço 5; e em leitura nova no livro 8.º, folha 9, coluna 2.ª da collecção denominada dos *Livros autenticos* do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, do mesmo Arquivo Nacional, estante 20, numero 40.



LUIZ DE CAMÕES

ELEMENTOS DE ESTUDO

ICONOGRAPHIA

COM o titulo «*Iconografia de Camões (seculos XVI e XVII)*», publiquei em 1924 um folheto que constituiu o n.º V da Colecção «*Elementos de Historia*», iniciado pela comunicação que fiz na Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa em 24 de Julho do mesmo ano, apresentando a reprodução d'um retrato de Luiz de Camões feito em Goa em 1581, cujo original existe na Casa dos Senhores Marquezes do Rio Maior.

Como acho interessante que estes elementos fiquem todos juntos, para que os estudiosos lhes possam aproveitar o que lhes merecer atenção, incluo em seguida a referida comunicação devidamente anotada.

Só mezes depois de fazer esta comunicação na Academia é que tive a felicidade de encontrar no riquissimo archivo do já então falecido Senhor Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, a copia do belissimo retrato directo de Camões feito por Fernão Gomes, que por amavel deferencia do seu feliz proprietario o Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, eu apresentei na mesma Classe de Letras da Academia em 23 de Julho de 1925 e publiquei a paginas 152 do presente volume do «Elucidario Nobiliarchico».

São do maior interesse estes dois monumentais elementos iconograficos não se destruindo um ao outro, antes pelo contrario, valorisando-se e completando-se. Claro que o retrato feito por Fernão Gomes, foi feito tendo o grande poeta na frente, dando-nos a novidade da forma da cabeça que não se tinha ainda percebido bem, por causa dos louros com que a teem ornado nos diferentes retratos e dando-nos a indicação das cicatrizes da palpebra.

O retrato de Goa é interessantissimo, feito por informação entre os que naturalmente mais de perto com elle viveram.

Repito, são dois admiraveis documentos sobre Camões.

A. D.

O RETRATO DE CAMÕES FEITO EM GOA EM 1581

Comunicação feita na Sessão da Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, de 24 de Julho de 1924 com algumas notas.

UM unico retrato de Luiz de Camões tem sido até agora considerado como verdadeiro, apesar de não haver a certeza de quando foi desenhado, parecendo porêm que só muitos annos depois do Poeta ter falecido é que houve a idéa de o fazer.

Gaspar de Faria Severim, secretario das Mercês do Rei R. João IV, Conselheiro d'Estado do Rei D. Affonso

VI, poeta, genealogista, habil desenhador, etc., encarregou um gravador de executar o retrato de Luiz de Camões para oferecer a seu tio Manuel Severim de Faria que o incluiu na sua obra «Discursos varios Politicos» impressa em Evora em 1624. N'esta obra o auctor incluiu um interessantissimo trabalho intitulado «Vida de Camões», estudo que é considerado como a mais completa biagraphia do Poeta entre as varias tentativas do Seculo XVII.

Manuel Severim de Faria nasceu em 1585, portanto, cinco anos depois da morte de Luiz de Camões. Foi Conego e Chantre da Sé d'Evora e morreu em 1655. A sua obra acima foi portanto publicada 44 annos depois da morte do Poeta.

Reproducção de tamanho egual á illuminura que inclue o retrato de Luiz de Camões, feito em Goa em 1581 e propriedade dos Senhores Marquezes do Rio Maior. Este retrato já foi incluido na «Iconographia de Camões—seculos XVI e XVII», 1924, por Affonso de Dornellas e agora na edição Nacional dos «Lusiadas»—Lisboa, 1928.

Como foi feito este retrato? Teria havido qualquer desenho ou retrato feito em vida do Poeta? Manuel Severim de Faria, se assim fosse, não o teria dito?

O gravador d'este retrato foi A. Paulus, não se

sabendo ao certo se foi Antonio Paulus, gravador, que viveu em Roma e ahi morreu em 1630 ou o gravador Andreas Paulus que trabalhava em Antuerpia na primeira metade do Seculo XVII.

O primeiro biographo de Luiz de Camões foi Manuel Correia, natural d'Elvas, Licenciado em Canones, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa e mais tarde cura da Egreja de S. Sebastião da Mouraria, cargo que só poderia ter desempenhado depois de 1596 por só n'esta data ter sido esta Egreja transformada de Ermida em Parochia.

Manuel Correia comentou os Lusiadas alegando ser amigo intimo de Camões e ter com elle privado largo tempo. Os elementos biographicos que dá são insignificantes, o que é para lastimar, pois se é verdade o que diz, de ter tido intimidade com o Poeta, parece que lhe seria facil dizer alguma coisa de interessante.

Os comentarios de Manuel Correia foram impressos em Lisboa em 1613 e reimpressos em 1720.

Entre os estudiosos não tem o menor credito este comentador dos Lusiadas. Note-se que este primeiro biographo não fala em retrato de Camões.

O segundo biographo foi Pedro de Mariz, que adquiriu no leilão do espolio de Manuel Correia, o original dos comentarios.

Pedro Mariz nasceu em 1550 e morreu em 1615, portanto tinha 30 annos de edade quando morreu o desditoso Poeta.

O trabalho de Pedro Mariz sobre Camões, tambem não é considerado pelos estudiosos, é um esboço biographico baseado em erros e sem elementos de interesse.

Notemos tambem que Pedro de Mariz apezar de ter estado no leilão do espolio de Manuel Correia e de lhe ter adquirido o original dos commentarios e naturalmente outros elementos, nem apresenta no seu trabalho um retrato de Camões nem faz referencia á sua existencia.

A terceira biographia de Luiz de Camões, na ordem chronologica, mas a primeira de facto, é a que acima citei de Manuel Severim de Faria.

Temos depois a quarta biographia, escripta por Manuel de Faria e Souza nos Luziadas que largamente commentou e que foram impressos em Madrid em 1639.

Este auctor que tambem é muito rebatido nas suas opiniões, apresentou um retrato de Camões na sua obra referida.

Este retrato é decalcado sem duvida alguma no que acima citei e que foi gravado por A. Paulus. Até as proprias folhas de louro que coroam o poeta, são copiadas nos seus mais insignificantes detalhes.

Este segundo retrato foi gravado em Madrid em 1639 por Pedro Villa Franca, naturalmente sobre um desenho feito por Manuel de Faria e Souza, que tambem desenhava, dando em resultado que as reproducções da gravura de Pedro Villa Franca, apresentam o retrato feito por Paulus, ao contrario, do que resultou apparecer Luiz de Camões cego do olho esquerdo.

Claro que, intuitivamente, desde que ha a certeza de que o retrato gravado por Paulos é o mais antigo, considera-se que de facto era Camões cego da vista direita, pois é natural que, para o retrato se fazer, fossem ouvidas pessoas que conheceram Camões, isto desprezando a tal historia do retrato que se dizia ter Manuel Correia.

O original dos Luziadas commentados por Manuel de Faria e Souza, conserva-se na Bibliotheca da Ajuda para onde foi do Convento das Necessidades, original em que o auctor escreveu: — Es mi original que se imprimio em Madrid. Año 1638 — e onde està um retrato de Camões ao lado do qual em autographo está — Este retrato de Luiz de Camões es hecho de mano de Manuel de Faria. —

Este retrato apresenta Camões cego da direita e voltado trez quartos para a direita como o de Paulus, portanto deprehende-se que foi Pedro Villa Franca que o gravou ao contrario.

Manuel de Faria e Souza que bastante inventou sobre Camões e que é tido em pouco credito, tambem inventou a origem do retrato do Poeta, dizendo que foi inicialmente mandado fazer por Manuel Correia depois do Poeta ter vindo da India e até que devia ser nos ultimos dias de Camões.

Ora o retrato apparece com a corôa de louros o que é natural não ter succedido se fosse pintado em vida do Poeta, emfim, mesmo como já disse nem Manuel Correia apresenta ou falla em tal retrato nos seus commentarios nem Pedro Mariz e, só Manuel Severim de Faria é que diz que o seu sobrinho o mandou gravar, sem indicar como foram colhidos os elementos para o gravador. O que é facto é que varios auctores teem juntado aos seus trabalhos retratos de Camões, seguindo uns o de Manuel Severim de Faria e outros o de Manuel de Faria e Souza ou seja o de Paulus e o de Pedro de Villa Franca.

N'este meu estudo até aqui, tenho-me limitado aos retratos apresentados no seculo XVII, pelo que me vou referir ainda a uma bella gravura, baseada, claro, no retrato de Paulus, a qual vem incluida na «Apologia em qve defende Joan Soares de Brito a Poesia do Principe dos Poetas d'Hespanha Lvis de Camões, etc. Lisboa 1641».

São portanto estes os retratos apparecidos no refeaido seculo XVII, o de Paulus, o de Pedro Villa Franca, o original á pena de Manuel de Faria e Souza e este ultimo gravado em cobre sem nome do auctor.

Nos trabalhos de extrangeiros sobre Luiz de Camões ou sobre os Luziadas no seculo XVII, apenas a primeira edicção ingleza dos Luziadas, traduzida por Richard Fanshaw, Esq. em Londres, 1655, inclue o retrato de Camões reproduzido da gravura de Pedro Villa Franca, portanto é o que indica a vista cega da esquerda.

No mesmo seculo XVII ainda houve edicções dos Luziadas em Latim, Hespanhol e Italiano, mas sem retratos.

Do seculo XVIII em deante é que houve versões em

Reducção do retrato e moldura de Luiz de Camões, propriedade dos Senhores Marquezes de Rio Maior.—A moldura mede 0,m570 por 0,m325, é de cobre guarnecida com arame do mesmo metal, tendo alguns espaços cheios de esmalte vermelho, azul e verde.

Allemão, Holandez, Polaco, Sueco, Dinamarquez, Hungaro, Russo, Bohemio e Arabe, e, no seculo XIX houve edicções polyglotas e de episodios varios dos Luziadas em Hespanhol, Italiano, Francez, Inglez, Allemão, Latim, Hollandez, Sueco, Dinamarquez, Hungaro, Bohemio, Polaco, Russo, Romaico, Mirandez, Castelhano, Gallego, Reggitano, Sicilliano, Bolonhez, Veneziano, Millanez, Genovez, Catalão, Vasconço e Gleez.

Nos trabalhos de referencia critica, biographica e analitica á obra de Luiz de Camões, publicados no seculo XVII, apenas nas obras portuguezas já citadas «Discursos varios criticos» de Manuel Severim de Faria e na apologia de defeza de João Soares de Brito é que vem retratos. Nas obras d'este genero publicadas em França e em Hespanha não vem qualquer retrato.

Só do seculo XVIII em deante é que começaram a apparecer retratos em algumas das obras de critica publicadas no Brazil, Italia, Inglaterra, Allemanha, Hollanda, Hungria, Dinamarca, Russia e China.

Agora, devido ao alto favor do Ex.^{mo} Sr. D. João de Saldanha Oliveira e Souza (Rio Maior), tenho a grande satisfação de dar a conhecer um retrato de Camões de origem differente de todos os outros que teem apparecido baseados no apresentado por Manuel Severim de Faria e gravado por Paulus.

È de longa data conhecido na Casa de Rio Maior, um pequeno retrato de Camões com referencias interessantes e com uma moldura curiosissima. E' uma illuminura sobre papel, de colorido vivo, tendo o fundo azul.

Ao centro o retrato de Camões apresentando o olho direito fechado, coroado de louros e armadura bronzeada ornamentada a sardões dourados.

Na base do retrato tem dois cães vermelhos e em volta flôres amarellas, castanhas e brancas e dois passaros malhados de amarello, verde e castanho. Por baixo do retrato ha um escudo d'oiro, esquartelado por uma cruz negra carregada de cinco escudetes d'oiro carregados de cinco basantes de negro em aspa, tendo no primeiro e segundo quarteis, cinco quinas de oiro postas em cruz carregadas de cinco besantes em aspa e no terceiro e quarto sete castellos de oiro avivados de negro postos 1. 3. 1. 2.

Do lado direito d'este escudo está uma espada e do lado erquerdo um livro aberto que diz: —

As Lusiadas 1581.

Por entre as flores da ornamentação ha as seguintes inscripções:

Dev notas Lvsyo
da Asseensão
marvjo

Dev notas para
v retrato Joze
penqvynnho

Dev notas
Henrique
Mascarenhas

Deu notas
Francisco
Mascarenhas

No canto direito da iluminura tem:

A firma ter
Parsencas
todos

E no canto esquerdo:

Goa 1581
Pinto

A iluminura mede 0^{m},17 × 0^{m},11 e a moldura é construida de quatro corpos medindo a parte de baixo 0^{m},325 × 0^{m},110. As partes lateraes 0^{m},17 × 0^{m},11. A moldura toda incluindo os pés e o crescente que a encima, mede 0^{m},570.

Esta interessantissima moldura é de cobre guarnecida com arame tambem de cobre tendo ornamentações a cabochões vermelhos, azues e verdes.

Não ha conhecimento da fórma como esta reliquia do mais alto valor historico se encontra na Casa Rio Maior, sabendo-se porêm que ha já muitas dezenas de annos que a conservam com adoração (1).

---

(1) No mesmo dia 25 de Julho de 1924, em que foi conhecida a minha comunicação pelo «Diario de Noticias», pelo telephone, o Sr. Marquez de Rio Maior, informou-me que pessoa da sua familia, logo depois de ler o «Diario de Noticias», lhe tinha comunicado como o retrato de Camões entrara na sua casa.

Ha muitos annos não sabendo citar quantos, opparecera o referido retrato á venda n'um estabelecimento de objectos antigos, vindo da Casa dos Marquezes de Borba. Desejando o fallecido camoneanista Dr. Carvalho Monteiro adquirir o mesmo retrato, foram-lhe pedidas dez libras. Como não tivesse possibilidade na ocasião de obter redução n'este preço que é natural que exigisse, disse que não queria, voltando porem no dia seguinte para o adquirir, mas já la não estava. Tinha sido comprado pela referido preço pela fallecida Senhora Marqueza de Rio Maior

A Senhora D. Maria Izabel da Annunciação de Lemos Roxas Carvalho e Menezes de Saint-Léger, 3.ª Condessa e 3.ª Marqueza de Bemposta-Subserra por morte de seus Paes, e 4.ª Condessa e 1.ª Marqueza do Rio Maior pelo seu casamento com D. Antonio José Luiz de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, nasceu em 1841 e casou aos 20 annos.

A extraordinaria biographia d'Esta Illustre Senhora é muito conhecida principalmente dos benemeritos e literatos.

Dotada d'uma grande erudição e possuidora de dois riquissimos

Luiz de Camões aparece-nos n'este retrato com aspecto de mais novo que no retrato gravado por Paulus o que não admira, pois o poeta devia estar no pensamento de quem fez a iluminura e de quem forneceu os elementos em Gôa, n'uma phase da vida muito anterior áquella em que foi retratado, se é que de facto o foi em vida, e que se teria effectuado depois de publicados os Lusiadas em 1572. Caso porém não tivesse sido retratado em vida foi, o que é muito natural, feito o seu retrato por informações tal como succedeu ao de Gôa.

Reproducção do tamanho egual da gravura que inclue o retrato de Luiz de Camões, publicada pela primeira vez em 1624 nos «Discursos varios Politicos» de Manuel Severim de Faria. A gravura é de A. Paulus, feita em 1622 por ordem de Gaspar de Faria Severim.

Luiz de Camões devia ter chegado á India em principios de Setembro de 1553, tendo partido de Lisboa a 26 de Maio anterior, na nau de S. Bento onde ia por Capitão Mór d'esta armada de quatro Caravelas, Fernão Alvares Cabral.

Luiz de Camões nasceu em 1524-1525, portanto tinha 28 a 29 annos de edade.

Na India cheio de saudades da Patria querida, batalhou e escreveu os Lusiadas. De 1556 a 1558, militou nos mares da Indo-China e nas Molucas e em fins de Julho d'este ultimo anno estava em Macau descançando da vida guerreira, desempenhando o cargo de Provedor-Mór dos defuntos e ausentes e nas horas vagas escrevendo os Lusiadas na sua gruta. (1)

Em fins de 1560, desembarcava novamente em Gôa, d'onde sahiu em fins de Setembro de 1567, aportando cincoenta dias depois a Moçambique e desembarcando em principios de Abril de 1568 em Cascaes, chegando a Lisboa passados 17 annos de ter partido para a India.

archivos, o da Bemposta-Subserra e o do Palacio da Annunciada, procedeu a vastas investigações conhecendo profundamente a historia celebre dos seus ascendentes e dos do seu marido e principalmente a historia da sua patria que tanta adorava.

Não admira portanto que na sua mocidade, ao ouvir fallar n'um retrato de Camões, o adquirisse immediatamente, já pelo espirito finissimo de literata, como pelo espirito extraordinario do mais acrisolado patriotismo, salvando uma reliquia que poderia ir parar ao extrangeiro.

A Senhora Marqueza, passou grande parte da sua mocidade na quinta da Subserra, onde nasceu e onde fazia as delicias dos serões, lendo e discutindo a literatura da epocha, que conhecia profundamente, pois era conhecedora dos principaes idiomas do seu tempo.

Casando em 30 de Setembro de 1851 veiu viver para Lisboa para o Palacio da Annunciada, sendo portanto depois dessa epocha que com certeza obteve o retrato de Camões, que nunca poderia ser mais estimado como tem sido desde que está na posse de tão Illustre Familia.

Por falecimento da Senhora Marqueza, continuou o retrato no mesmo sitio, sendo propriedade de seu herdeiro e sobrinho Senhor D. João de Saldanha Oliveira e Souza, actual Marquez de Rio Maior, que teve a gentileza para comigo e o gesto patriotico para com todo o mundo civilisado de consentir que se d'esse a conhecer.

(1) Na «Iconographia de Camões — Seculos XVI e XVII», já citada, a paginas 25 refiro-me á invenção da Gruta que existe em Macau e que não é Gruta mas sim uma especie de Anta ou Dolman onde naturalmente Camões nunca esteve a escrever. Quando fiz a communicação na Academia, não conhecia ainda os elementos que depois colhi e publiquei no folheto referente á Iconographia.

Morreu em 1580. Portanto viveu ainda doze annos.

Pelo que se vê na referida iluminura, deram elementos para o seu retrato Lusio da Ascenção, marujo, e José Penquinho, que naturalmente foram seus criados e por muito terem privado com elle, foram chamados a depôr.

As outras duas testemunhas da sua physionomia foram, Francisco e Henrique de Mascarenhas, naturalmente companheiros e amigos inseparaveis do Poeta.

O motivo do retrato tambem parece facil de achar. Luiz de Camões morreu em 10 de Junho de 1580. A noticia chegou á India em principios de 1581 e immediatamente houve a ideia de fazer o retrato.

Governava a India como 12.º Vice-Rei, o Conde de Athouguia, D. Luiz de Athayde, para o que foi nomeado por carta do Rei D. Sebastião de 26 de Agosto de 1577. Sahiu do Tejo a 16 de Outubro seguinte e chegou a Gôa a 31 de Agosto de 1578.

O Conde de Athouguia morreu em 9 de Março de 1581 não chegando lá a ter conhecimento da mercê do titulo de Marquez de Santarem com que Filipe I o agraciou.

Temos portanto que a iluminura referida foi feita antes da morte do Conde de Athouguia visto que em volta da cabeça de Camões tem a seguinte inscripção: —OV RETRATO DE LVIZ DE CAMÕES OFRESIDO O V REY D. LUIZ DE ATHAYDE POR FERNÃO TELLES DE MENEZES(1).

Por morte do Conde de Athouguia em 9 de Março de 1581 foi nomeado 28.º Governador da India o proprio Fernão Telles de Menezes que lhe offereceu o retrato de Camões.

O 13.º Vice Rei foi D. Francisco de Mascarenhas, Conde da Horta, neto Materno do Conde de Borba, que tomou posse das mãos de Fernão Telles de Menezes, em 17 de Setembro do mesmo anno de 1581.

Este ultimo, entre outros cargos que desempenhou foi Governador do Algarve e morreu em 26 de Novembro de 1605.

Nem D. Luiz d'Athayde nem Fernão Telles de Menezes deixaram descendencia.

Em poder de quem ficou pois a illuminura representando Camões e a sua interessante moldura? É um problema; em todo o caso sabe-se que se conserva em poder da familia dos Illustres Marquezes do Rio Maior ha já algumas dezenas de annos.

O retrato feito por Paulus representa Camões mais velho o que não admira, pois regressando da India em 1568, o seu estado de saude já não lhe permitia que acompanhasse D. Sebastião a Alcacer Kibir e mesmo consta que a doença não mais o deixou.

Quatro annos depois do seu regresso, em 1572, teve a suprema satisfação de ver a sua obra publicada e em 10 de Julho de 1580 morria na miseria. É natural portanto que o retrato feito por Paulus em 1624 representasse Camões nos ultimos tempos da vida.

Aqui fica pois o que me foi possivel descobrir sobre a iconographia de Luiz de Camões, estudo que limitei até ao fim do Seculo XVII, pois que todos os retratos do grande Poeta são variantes, algumas bastante deterioradas, da gravura de Paulus.

O tornar se publica a interessante illuminura feita em 1581, deve-se ao Ex.mo Sr. D. João de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), alto espirito de uma lucidez notavel, que tão bem comprehendeu o meu desejo de dar a conhecer esta reliquia, que Sua Ex.ª herdou dos seus Illustres Maiores, permittindo que fosse photographada e que nella fallasse na Academia das Sciencias de Lisboa.

O nosso profundo reconhecimento por tamanho serviço.

(1) A leitura completa desta legenda é: — *O verdadeiro retrato de Luiz de Camões, offerecido ao Vice Rei D. Luiz de Athayde por Fernão Telles de Menezes.*

A DATA DA MORTE DO POETA

PUBLICADO o extracto da sessão da Academia no jornal «Diario de Noticias», produziu a descoberta do retrato a maior sensação em todas as pessoas que a leram, mesmo até n'aquellas que olham para as coisas do passado apenas por momentos.

Recebi bilhetes, cartas, telegramas, de inumeras pessoas e fui procurado para trocar impressões pela maioria dos que se dedicam aos estudos da vida e obras de Camões, ou collecionam a bibliographia respectiva.

O Dr. Jordão de Freitas, Director da Bibliotheca da Ajuda e investigador permanente de tudo quanto se refira a Camões, ás suas obras, á sua vida, á sua familia, emfim a tudo quanto tenha a menor relação com o Poeta, n'esse mesmo dia teve uma grande conversa commigo, achando interessantes as considerações por mim feitas sobre a data provavel em que o retrato tinha sido feito, ou seja em Janeiro ou Fevereiro de 1581, visto ter a indicação de que foi feito n'este anno e ter morrido o Conde Athouguia, Vice Rei, em 9 de Março do mesmo anno.

Isto era de uma grande importancia para a sua preocupação de que Luiz de Camões tinha morrido em 1579 e não em 1580. Com os seus argumentos resolveu escrever ao Sr. Dr. José Maria Rodrigues, Presidente da Classe de Lettras da Academia das Sciencias de Lisboa.

Communiquei-lhe a noticia que horas antes me tinha sido fornecida pelo telephone pelo Sr. Marquez de Rio Maior que acima citei da forma como o retrato tinha entrado na Casa Rio Maior e que vinha da Casa Borba.

Dias depois o Sr. Dr. Jordão de Freitas mostrou-me a minuta da carta que ia dirigir ao Sr. Dr. José Maria Rodrigues e que foi publicada no «Diario de Noticias» de 5 de Setembro do mesmo anno de 1924.

Vejamos como este jornal a transcreveu:

— Ainda a proposito do retrato de Camões — morreu o Poeta em 1580 ou em 1579? — O sr. Dr. Jordão de Freitas, director da Bibliotheca da Ajuda e erudito investigador dos assumptos mais palpitantes da historia patria, analisando a notavel communicado do sr. Affonso Dornellas na Academia das Sciencias de Lisboa, a que nos referimos detalhadamente, enviou ao illustre camoneanista, sr. Dr. José Maria Rodrigues, o seguinte officio onde se estudam e apontam varios problemas referentes ao nosso grande Epico:

Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Segunda Classe da Academia de Sciencias de Lisboa. — Conforme se lê no *Diario de Noticias* (n.º 21.019), na ultima sessão da 2.ª classe dessa douta corporação scientifica, a que V. Ex.ª presidiu, o socio correspondente e meu prezado amigo sr. Affonso Dornellas, dando conhecimento da existencia de um «retrato de Luiz de Camões feito em Gôa em 1581», explicou: «Luiz de Camões morreu em 10 de Junho de 1580. A noticia chegou á India em principios de 1581 e immediatamente houve a ideia de fazer o retrato. Governava a India como 12.º Vice-Rei, o Conde de Atouguia, D. Luiz de Atahide, que morreu a 9 de Março de 1581 Temos, portanto, que a illuminura referida foi feita antes da morte do Conde de Atouguia, visto que em volta da cabeça de Camões tem a seguinte inscripção: «O v retrato de Luiz de Camões ofrecido o V Rey D. Luiz de Ataide por Fernão Telles de Menezes». — Tomando a liberdade de discutir e contestar, perante uma corporação, a que não tenho a honra de pertencer, affirmações ou opiniões n'ella expendidas em suas sessões particulares — comquanto tornadas publicas pela imprensa periodica — peço licença para advertir o seguinte:

Reducção da Portada do manuscripto de Manuel de Faria e Sousa existente na Bibliotheca da Ajuda. O original na parte desenhada mede 0m,270 por 0m,156

1.º — A noticia de um acontecimento ocorrido em Lisboa no mez de junho de 1580 não podia ser transmitida ou levada para Goa senão no anno immediato. O motivo está em que a armada de 1580 para a India partiu de Lisboa em 3 de abril, isto é, dois mezes e uma semana antes da data indicada, como sendo a da morte de Camões. De tal noticia sómente poderiam ser portadores os navios da armada, que sairam do Tejo em 8 de Abril de 1581, isto é, um mez depois de em Gôa haver fallecido o mencionado vice-rei D. Luiz de Ataide, 4.º conde de Atouguia.

2.º — Provado que seja que tal retrato foi delineado e executado depois de ter sido recebida em Goa a noticia do fallecimento do Poeta, uma importante conclusão ha a tirar: que este não morreu no mez de junho de 1580, mas sim no de 1579 — que é, de resto e de facto, o ano insculpido no epitafio que D. Gonçalo Coutinho, morgado de Vaqueiros e amigo do auctor dos «Luziadas», mandou colocar sobre a sepultura do Poeta na egreja do mosteiro de Santa Ana, antes de 1595. A noticia teria então seguido na referida armada de 3 de abril de 1580 (despachada já pelos governadores do reino) e chegada à India em Setembro deste ano (1), sendo portanto mais largo o espaço de tempo que o pintor teve para retratar o Poeta, do que aquelle que o sr. Dornellas calculou dando-a como chegada a Goa «em principios de 1581», isto é, menos de dois mezes antes do falecimento do Vice-rei a quem era oferecido. A armada de 1580 era constituida por quatro naus, a saber: S. Francisco, S. Gregorio, S. Luiz e S. Salvador, respectivamente capitaneadas por Manuel de Mello da Cunha (capitão-

(1) D. Luiz de Athaide, da primeira vez que passou à India, largou de Lisboa com 5 naus a 7 de abril de 1568 e chegou a Goa em 10 de setembro do mesmo anno. O seu sucessor, D. Antonio de Noronha, partiu de cá a 17 de março de 1571 e chegou a Goa a 6 de setembro. O primeiro vice-rei mandado por D. Filippe I (D. Francisco Mascarenhas, 1.º conde de Santa Cruz, neto dos 1.os condes de Borba e genro de Martim Affonso de Oliveira, senhor do morgado de Oliveira e Patameira) saiu de Lisboa a 8 de abril de 1581 e entrou solenemente em Goa a 24 de Setembro.

mór), João de Bettencourt de Vasconcellos (madeirense), Gonçalo Coelho e Lourenço (ou Manuel) Soares. Este ultimo arribou ao reino, não seguindo por isso desta vez ao seu destino a nau de que era capitão.

3.º — Sendo assim, o retrato que foi objecto da interessantissima communicação d'aquelle academico, ministra-me um novo argumento a favor da opinião que expendi e defendi no «Diario de Noticias» do dia 10 de junho de 1912, considerando errada a indicação do ano 1509 (b1xxx) que se lê na «Ementa» descoberta pelo Visconde de Juromenha, como a do ano do falecimento de Luiz de Camões. Quanto a mim, o funcionario encarregado do registo escreveu «b1xxx» (1580) por b1xxix (1579) e «dez de junho» em vez de 12 de junho (vespera de Santo Antonio).

Alem de vir mencionado no respectivo epitafio, o ano de 1579 é o indicado invariavelmente por todos os autores que, antes do Visconde de Juromenha, se referem ao ano da morte do Poeta. — A estas advertencias ou ponderações, seja-me ainda permitido acrescentar que muito interessante seria tambem inquirir se o que terá motivado, por parte de Fernão Telles de Menezes o offerecimento ou dedicatoria desse retrato a D. Luiz de Athaide, que, tendo sido duas vezes Vice-rei da India (1568-1571 e 1578-1581), chegou a Goa, da primeira vez, quando (10 de setembro de 1568) Camões já se achava de torna-viagem em Moçambique (2), parecendo certo que este aqui se conservou até ao seu embarque para Lisboa em Novembro de 1569, na companhia de Diogo do Couto. — A proposito, e por ultimo, releve-me v. ex.ª que eu aqui lhe faça duas perguntas: — A quem pertence realmente a autoria dos dois sonetos consagrados a D. Luiz de Athaide publicados por Manuel de Faria e Sousa sob os n.os LXIV (Centuria I) e LXXXXI (Centuria II)? — Qual a opinião de v. ex.ª relativamente ao que nos diz o mesmo Faria e Souza no seu comentario á estrophe LXXII do Canto X dos «Luziadas», na parte referente a D. Luiz de Ataide? — Com a maxima consideração e acatamento, tenho a honra de subscrever-me — De v. exª mt.º att.º ven. e grato servidor — JORDÃO DE FREITAS — 28 7 924.

Partindo do principio e provando-se que em 1581 não houve qualquer outro navio que chegasse a Gôa sem ser a armada que partiu de Lisboa em 8 de abril, não ha duvida que é um argumento de peso para reforçar a opinião de que Luiz de Camões morreu em 1579.

Quem estuda e investiga historia, encontra casos muito interessantes.

Ha sempre uma tendencia natural para considerar a ultima referencia encontrada a verdadeira e portanto todas as outras falsas.

Já tenho conhecimento de varios factos identicos.

Os mais antigos biographos de Luiz de Camões aquelles que viveram com elle, dizem que morreu em 1579. O seu particular amigo D. Gonçalo Coutinho, mandou inscrever n'uma lapide que foi collocada na egreja do mosteiro de Sant'Anna, o mesmo anno como sendo n'elle que morreu o Poeta, mas um dia o Visconde de Jerumenha encontra uma «Ementa» datada de 13 de novembro de 1582 em que se diz que a mãe ou madrasta de Camões, D. Anna de Sá, recebeu 6$765 réis que eram devidos ao Poeta de 1 de janeiro a 10 de Junho de 1580.

Não se pensou mais no caso e ficou arrumado que a morte de Camões foi em 10 de junho de 1580, quando as pessoas que viveram no seu tempo e as que sendo da geração seguinte e que escreveram sobre Camões, dizem todas 1579.

Quem se enganou? Foi o escrivão que fez a ementa em 1582, ou foram os amigos que não eram escrivães mas eram escritores?

Não se sabe. Parece que ha qualquer força acculta que não deixa descobrir, com certeza, o menor dado da vida do Grande Poeta. E' tudo calculo.

Emfim, agora, em face do retrato pintado em 1581, e offerecido ao Conde de Athouguia, apparece novo problema. Como chegou a noticia a Goa?

Mas tudo isto é na supposição que o retrato foi pintado depois de recebida a noticia da sua morte. Quem nos diz que houve como motivo para pintar o retrato de Camões, o saber-se que elle tinha morrido?

Quando communiquei na Academia das Sciencias de Lisboa o apparecimento do retrato e a sua reproducção, por ver que estava coroado de louros, pareceu-me que esta manifestação só tivesse sido levada a effeito depois da morte, razão porque assim o disse, mas não, antigamente os heroes tambem eram coroados em vida.

A primeira edição dos Luziadas foi impressa em 1572, sendo natural que rapidamente se exgotasse cá pela Europa, portanto não admira a hypothese que só passados alguns annos chegasse algum exemplar a Goa e então, admirando a grande obra de Camões, que viesse a lembrança de lhe pintarem o retrato coroado para offerecer ao Vice Rei.

Terminando estes elementos destinados a maior estudo iconographico, levado a cabo por quem melhor o possa fazer, ainda direi que tendo já ouvido por vezes a pergunta de qual seria o primeiro poeta que appareceu coroado de louros, se foi Dante se Camões, poderei dizer que ha retratos de Dante do seculo XV, já coroados de louros.

Os mais notaveis, são o de Domenico di Michelino, 1417-1491, existente no Duomo de Florença; o de Benedicto de Maiano, 1442-1497, existente no Palacio Velho de Florença e do Sandro Botticelli, 1447-1510.

Ha, porém, manuscriptos do seculo XIV ou principios do seculo XV, com a figura de Dante já coroada de louros, não tendo, porém, estes desenhos, grande valor iconographico.

Dante nasceu em 1265 e morreu em 1321.

A. D.

(2) Camões havia saido da India nos fins de setembro de 1567, e não em 1568—como se lê no extracto do «Diario de Noticias». Se D. Luiz de Athaide tivesse aportado a Moçambrque possivelmente teria aqui encontrado Camões.

A REFERENCIAS Á DESCOBERTA DO RETRATO DE GOA

A comunicação feita na Academia das Sciencias em 24 de Julho de 1924, sobre o retrato de Luiz de Camões datado de Goa de 1581, produziu uma verdadeira sensação entre os socios que estavam presentes, de quem recebi amabilissimos cum-

primentos pela grande felicidade da minha descoberta e dos considerandos que lhe juntei, não me esquecendo mais a extraordinaria satisfação do Illustre Presidente da Classe, Sr. Dr. José Maria Rodrigues, o grande Camoneanista da actualidade, ao admirar a photographia da preciosa illuminura.

No dia seguinte, (25 de Julho de 1924), no jornal «Diario de Noticias» foi publicado o referido retrato de Camões e umas referencias á minha communicação transcrevendo alguns periodos.

Os titulos d'esse artigo, diziam:

— Velha Questão. — O retrato autentico de Luiz de Camões foi descoberto no Solar dos Marquezes de Rio Maior? — Pelo menos assim se afirma n'um interessante communicado feito á Academia das Sciencias de Lisboa. —

Depois diz:

— Na Academia das Sciencias de Lisboa apresentou ontem o Sr. Affonso de Dornellas um interessante e notabilissimo communicado acêrca d'um retrato de Luiz de Camões, feito em Gôa em 1581, um anno depois da morte do Poeta. Tal preciosidade — que o é em todo o mundo civilizado — é de longa data pertença da casa dos Marquezes de Rio Maior, sendo objecto d'um verdadeiro culto da parte d'aquella illustre familia. Sentimos que a absoluta falta de espaço não nos permitta referencias mais largas ao erudito estudo do Sr. Affonso de Dornellas, que historia a genese dos retratos de Camões. O primeiro, o mais antigo de que até agora se tinha conhecimento, foi gravado por Paulus, por ordem de Gaspar de Faria Severim, que o incluiu n'uma sua obra impressa em Evora, em 1624.

Este retrato de Luis de Camões el hallo Jermano de Manuel de Faria.

Reproducção do tamanho egual ao desenho á pena feito por Manuel de Faria e Sousa na portada do manuscripto «Lvsiadas de Lvis de Camoens Principe de los Poetas de España Comentadas por Manuel de Faria i Sousa Cavalleiro del habito de Christo i de la Casa Real, Año M.DCXXXVI.» — Existe este manuscripto na Bibliotheca da Ajuda

Depois transcreve uns periodos, dizendo em seguida:

— Impossivel, repetimos, acompanhar o illustre academico nas suas apreciações sobre a inconographia camoneana, indispensaveis como documentação n'este assumpto, que não é só de ordem artistica ou historica, mas patriotica. Limitamo-nos ao que pertence ao Sr. D. João de Saldanha de Oliveira e Sousa, illustre representante da casa dos Marquezes de Rio Maior. —

Transcreve em seguida o que digo sobre a illuminura, sobre os nomes que figuram n'ella, sobre os Governadores da India na occasião, sobre emfim a edade de Camões quando retratado, etc., terminando por dizer:

— A sessão da Academia das Sciencias foi presidida pelo illustre camoneanista, Sr. Dr. José Maria Rodrigues, fallando sobre o assumpto o Almirante Sr. Almeida d'Eça e o Sr. Dr. Antonio Baião, tendo manifestado todos os assistentes o seu enthusiasmo sobre a felicidade da descoberta e enaltecendo o serviço que o Sr. D. João de Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior) acaba de prestar, consentindo que tão preciosa reliquia fôsse conhecida não só dos academicos, mas do grande publico. —

No jornal «A Patria» do Rio de Janeiro, de 31 de Agosto de 1924, n.º 1.303 (edição das 5 horas da manhã), vem a transcripção do que disse o «Diario de Noticias» de Lisboa, de 25 de Julho anterior, com o seguinte titulo:

— O retrato autentico de Camões foi descoberto no Solar dos Marquezes de Rio Maior? — Um interessante comunicado feito á Academia das Sciencias de Lisboa. —

O inicio do artigo diz:

— Na Academia das Sciencias de Lisboa apresentou ha pouco o Sr. Affonso de Dornellas uma notavel communicação acêrca d'um retrato de Luiz de Camões, feito em 1581, um anno depois da morte do poeta. A proposito d'essa communicação feita á Academia das Sciencias, diz um dos mais autorizados orgãos da imprensa portuguezes: —

Depois transcreve o que disse o jornal «Diario de Noticias» do dia referido.

Na explendida revista «America Brazileira» — Anno III, n.º 33, Setembro de 1924, publicada no Rio de Janeiro sob a direcção do grande escriptor Elysio de Carvalho, a paginas 294, na secção «Portugalia», com o titulo «O Retrato de Camões», diz:

— Acaba de ser descoberto em Lisboa um retrato authentico de Camões, desenhado e pintado em Gôa, em 1581, o anno imediato á morte do poeta. A noticia foi transmitida á Academia de Sciencias de Lisboa por Affonso de Dornellas, o conhecido genealogista e historiador, que comunicou encontrar-se o precioso achado na Casa dos Marquezes de Rio Maior, em Lisboa. O retrato é uma illuminura em papel, emoldurada em chapa metalica, medindo cinquenta e sete centimetros de altura, teria sido executado em 1581, antes de 9 de Março, dia da Morte de D. Luiz de Ataide, a quem fôra destinado, e logo que á India chegara a noticia da morte do poeta, ocorrida em Lisboa, a 10 de Junho de 1580, segundo correntemente se aceita. Tratando da sensacional comunicação, Fidelino de Figueiredo n'um artigo d'«O Jornal», desta cidade, dá-nos as seguintes informações: «O retrato agora revelado pelo Sr. Affonso de Dornellas... faz suspeitar que fôsse o ponto de partida de toda a inconographia camoneana. O retrato é uma illuminura em papel, emoldurada em chapa metalica, sobre a qual brincam arabescos de arame e pequeninas espheras, tudo com 57 centimetros de altura. Ao meio, como n'uma janella rectangular, rectirada para o fundo approximadamente um centimetro, o retrato do poeta, em cujo unico olho brilha uma luz fixa, intensa, que prescruta e medita, d'uma elevada espiritualidade, que se não esquece mais... A cabeça grande, arredondada, de brachycephalo,

com a fronte excessivamente protuberante sobre o olho cego, assenta sobre um fundo azul, limitado por uma cercadura branca, onde se lê a seguinte declaração: «*O v retrato de Lviz de Camões, ofresido o v rey D. Luiz de Athayde por Fernão Telles de Menezes*». D. Luiz de Athayde, Conde de Athouguia, foi o 12.º vice rei da India, que governou de 1577, ainda nomeado por D. Sebastião, até 1581, anno em que morreu, sem chegar a tomar conhecimento da mercê do marquezado de Santarem, que lhe fizera Fillipe I. Fernão Telles de Menezes, o offertante do retrato, foi o seu sucessor como simples Governador, n'uma especie de interinidade até á posse do 13.º vice-rei, D. Francisco de Mascarenhas, Conde da Horta. Camões, em busto forte, de homem possante e na plenitude da vida physica em meio da trintena porventura, veste armadura bronzeada em que symetricamente se espalha o relevo de alguns sardões dourados».

Como se sabe não se conhece nenhum retrato absolutamente authentico do cantor dos Lusiadas, e como o bem lembra Fidelino, os varios retratos conhecidos, ou são pura phantasia ou procedem todos de dois, que são os mais antigos e por isso os mais aceitaveis.

Escreve Fidelino:

«O gravado por A. Paulus, que ainda não foi possivel derimir se foi Antonio Paulus, morto em Roma em 1630, ou Andréas Paulus que viveu e trabalhou em Antuerpia; e o gravado em Madrid, anno de 1639, por Pedro Villa Franca. O primeiro retrato foi mandado executar por Gaspar de Faria Severim, poeta e homem de Estado das Cortes de D. João IV e D. Affonso VI, para o offerecer a seu tio Manuel Severim de Faria, que o reproduziu nos *Discursos Varios Politicos*, de Evora, 1624, em que ha uma apreciavel biographia de Camões. O segundo retrato acompanha os *Commentarios* de Manuel de Faria e diverge do de Paulus, essencialmente em apresentar o poeta cego do olho esquerdo, emquanto que em Paulus é o olho direito o lesado pelo virote marroquino. Um e outro apresentam o poeta com o rosto inclinado, a tres quartos, de armadura, volta larga e encanudada, barba cerrada e na cabeça uma coroa de louros, pormenor que faz crer tratar-se de alguem para que já soára a hora da gloria».

O assumpto é daquelles que exigem muita prudencia, e é de esperar que os criticos de arte e os eruditos estabeleçam a authenticidade da obra mediante applicação de todos os methodos modernos de investigação technica e historica ao seu alcance.

E' judiciosa a prevenção e o desejo da «America Brazileira».

Tinha ainda n'essa occasião, o assumpto muito que estudar. Hoje julga-se o assumpto arrumado com referencia ao retrato ser considerado como de facto ter sido pintado em 1581.

Ainda em 1925 appareceu a obra «Torre de Babel» do Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, que entre outros trabalhos inclue a paginas 83 e seguintes, um estudo intitulado «O retrato de Camões», que julgo ser o artigo publicado no jornal «A Patria» do Rio de Janeiro e a que faz referencia a Revista «America Brazileira» conforme acima digo.

Em todo o caso vou transcrever o que alli diz o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo:

A contribuição mais sensacional para o centenario de Camões, com discutivel fundamento commemorado este anno (1924), deu-no-la o sr. Affonso de Dornellas, considerado especialista de linhagens e heraldica, que tem versado muitos problemas historicos, como documenta a sua bem estimada colleção de *Historia e Genealogia*.

Num dos ultimos dias, o sr. Dornellas communicou á Academia das Sciencias de Lisboa a existencia em casa dos srs. Marquezes de Rio Maior dum retrato de Camões, desenhado e pintado em Gôa, com a data de 1581, o anno immediato á sua morte.

Até agora os muitos retratos do épico, que se exhibem, ou são pura phantasia ou procedem todos de dois, que são os mais antigos e por isso os mais acceitaveis: o gravado por A. Paulus, e ainda não foi possivel derimir se foi Antonio Paulus, morto em Roma em 1630, ou Andreas Paulus, que viveu e trabalhou em Antuerpia; e o gravado em Madrid, anno de 1639, por Pedro Villa Franca. O primeiro retrato foi mandado executar por Gaspar de Faria Severim, poeta e homem de Estado, das Côrtes de D. João IV e D. Affonso VI, para o offerecer a seu tio Manuel Severim de Faria, que o reproduziu nos *Discursos Varios Politicos*, de Evora, 1624, em que ha uma apreciavel biographia de Camões. O segundo retrato acompanha os *Commentarios* de Monuel de Faria e diverge do de Paulus, essencialmente em apresentar o poeta cégo do olho esquerdo, emquanto que em Paulus é o olho direito o lesado pelo virote marroquino.

Um e outro representam o Poeta com o rosto inclinado, a trez quartos, de armadura, volta larga e encanudada, barba cerrada e na cabeça uma corôa de louros, pormenor que faz crer tratar-se de alguem para que já soara a hora da gloria.

O retrato, agora revelado pelo sr. Affonso de Dornellas, reproduz estes caracteres geraes e pode fazer suspeitar que fosse elle o ponto de partida de toda a iconographia camoneana.

O retrato é uma illuminura em papel, emmoldurada de chapa metallica, sobre a qual bricam arabescos de arame e pequeninas espheras, tudo com 57 centimetros de altura. Ao meio, como numa janella rectangular, retirada para o fundo proximadamente um centimetro, o retrato do poeta, em cujo unico olho brilha uma luz fixa, intensa, que perscruta e medita, duma elevada espiritualidade que impressiona.

Logrou o ingenuo desenhador transmittir uma alma a essa pupilla ou nós lh'a attribuimos com a nossa contemplação emocionada, com o fogo do nosso culto?

A cabeça grande, arredondada, de brachycephalo, com a fronte excessivamente protuberante sobre o olho cégo, assenta sobre um fundo azul, limitado por uma cercadura branca, onde se lê a seguinte declaração:

«*Ou retrato de Luiz de Camões, ofresido o vrey D. Luiz de Athayde por Fernão Telles de Menezes*».

D. Luiz de Athayde, conde Athouguia, foi o 12.º vice-rei da India, que governou de 1577, ainda nomeado por D. Sebastião, até 1581, anno em que morreu, sem chegar a tomar conhecimento da mercê do marquezado de Santarem, que lhe fizera Filippe I; Fernão Telles de Menezes, o offerecte do retrato, foi o seu successor como simples governador, numa especie de iuterinidade até á posse do 13.º vice-rei, D. Francisco de Mascarenhas, conde da Horta.

Camões, em busto forte, de homem possante e na plenitude da vida physica, em meio da trintena porventura, veste armadura bronzeada em que symetricamente se espalha o relevo de alguus sardões dourados. A margem do papel é preenchida com ornamentos vegetaes, na base dois cães vermelhos, hiantes, um escudo d'ouro esquartelado por uma cruz negra, carregada de escudetes com cinco besantes, no primeiro e segundo quarteis as quinas, no terceiro e quarto os sete castellos do escudo nacional; proximo do angulo inferior esquerdo uma espada, em hypotenusa, e no direito um livro aberto, em que se lê: *As Lusiadas, 1581*.

No meio desta densa ornamentação, que assenta sobre fundo azul, destacam em pequenos recortes brancos as seguintes interessantissimas legendas:

Dev notas Lvsyo da Asseensão marvjo.
Deu notas para v retrato Jozé Penqvynho.
Deu notas Henrique Mascarenhas.
Deu notas Francisco Mascarenhas.
A firma ter Parsencas todos.
Goa 1581 Pinto (Um nome illegivel).

Daqui se concluiria que o desenhador, cuja assignatura é indecifravel e cuja orthographia excede o desleixo corrente na época, não

conhecera Camões e que teria feito o seu retrato por encommenda de Fernão Telles de Menezes, mas com a collaboração de informações de Lusio (?) da Ascenção, marujo, José Penquinho, Henrique Mascarenhas e Francisco Mascarenhas, talvez seus companheiros e matalotes num longo peregrinar de dezasete annos pelo oriente. Essas informações de amigos e companheiros de milicia e bohemia — os dois Mascarenhas, nome de bom sabor aristocratico — e dos servidores humildes em generosa confraternidade egualitaria — os dois plebeus, o marujo e o Penquinho — reportaram-se aos tempos já longinquos do vigor do poeta, no periodo de intensa criação de ardorosas aspirações, entre os vinte e oito e os quarenta e trez annos.

E o desenhador escrupulosamente, num impulso de probidade artistica, preferindo a fidelidade ás audacias da estylização, deixou declarados os nomes dos seus informadores e a unanimidade dos votos favoraveis: todos affirmam ter parecenças. O desenho teria sido feito em 1581, antes de 9 de março, dia da morte de D. Luiz de Athayde, a quem fôra destinado, e logo que á India chegara a noticia da morte do poeta, occorrida em Lisboa, a 10 de junho de 1580 — segundo correntemente se acceita.

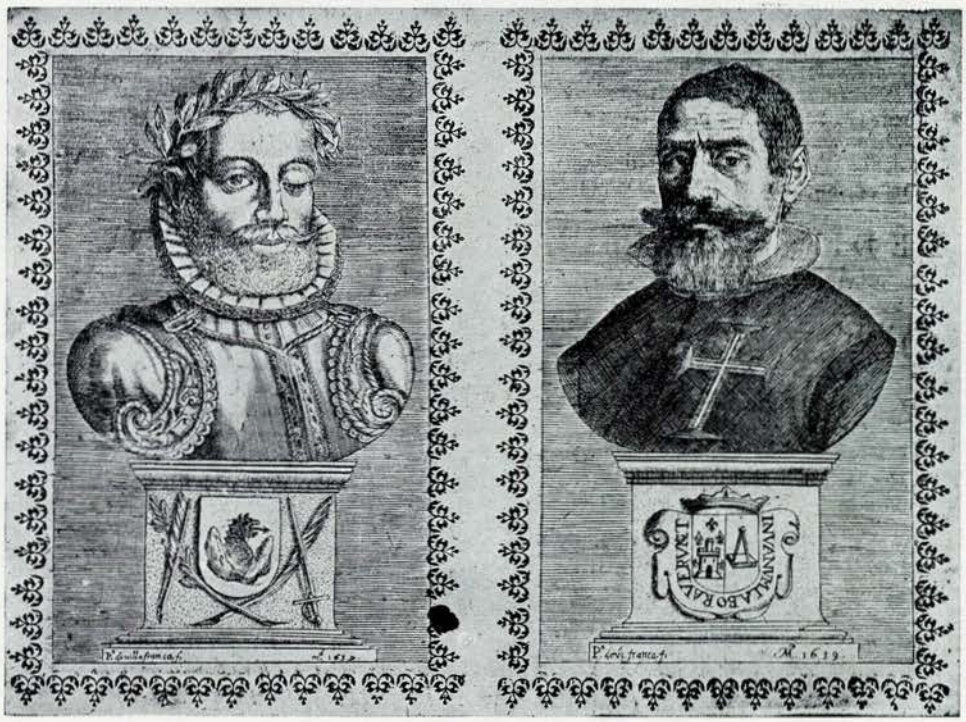
Tudo isto se infere do simples exame do retrato, onde o pintor cuidou de registar todos os elementos precisos para a reconstituição da historia da sua factura, menos a sua assignatura clara. E é precisamente esta circumstancia que me leva a guardar algumas reservas, até que a critica iconographica se pronuncie quanto á maneira artistica, ás côres, á technica e ao papel, e que a erudição resolva a difficuldade, que se levanta no meu espirito, quanto á promptidão com que á India chegou a noticia da morte do poeta.

Partiu logo a seguir alguma armada para o Oriente e fez-se a viagem tão rapidamente e sem incidentes?

O sr. Jordão de Freitas, camoneanista muito illustre e erudito bem versado na nossa historia do Extremo Oriente, vê na data d'este retrato um argumento a favor da sua opinião de que Camões morreu em 1579.

Esperemos que a nossa emoção se acalme, que a critica d'arte confirme technicamente tratar-se d'uma obra authentica do seculo XVI e que a erudição faça a historia externa do retrato desde a morte de D. Luiz de Athayde até chegar ás mãos do antiquario, a quem o comprou a sr.ª Marqueza do Rio Maior ha alguns decennios. E não esqueça a explicação do extranho silencio da familia possuidora de tal preciosidade, em 1880, a quando a celebração calorosa do tricentenario da morte do poeta. (1).

Ha um certo parallelismo entre a vida de infortunios de Camões e a de Cervantes, entre os destinos das suas obras e a symbologia nacional que se lhes attribue, e até entre os progressos da erudição camoneana e da erudição cervantina. A confirmação da authenticidade quinhentista d'este retrato viria uma vez mais restabelecer esse



Reproducção do tamanho egual dos retratos de Luis de Camões e de Manuel de Faria e Sousa, apresentados na obra :— Lvsiadas de Lvis de Camoens, Principe de los poetas de España. Al Rey N. Señor Felipe Qvarto el Grande. Comentadas por Manvel de Faria i Sousa... Año 1639. Con Privilegio. En Madrid. A gravura é de Pedro Villa Franca e foi feita em Madrid em 1639. Este retrato de Camões foi decalcado no gravado por A. Paulus e voltado para a direita o que deu em resultado ficar com o olho esquerdo cerrado quando devia ser o direito e com a figura do brazão voltada para a esquerda quando devia ser para a direita

(1) Agora, em 1928, apareceu em Madrid, publicada pela—Colección «Hispania»—uma nova obra do Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, intitulada «Camoens» traduzida para Castelhano pelo Sr. Marquez de Lozoya, Cathedratico da Universidade de Valencia, donde a paginas 29 e seguintes, vem o capitulo II com o titulo: «Sobre la iconografia de Camoens», que consiste no artigo acima transcrito da «Torre de Babel», tendo porem algumas ampliações. Entre o fim deste periodo e o inicio do que se segue, tem o seguinte:

—No paró aqui en sus hallazgos camonianos el Sr. Dornellas. En el año inmediato, 1925, presentó nuevo retrato, dibujado en 1570, en vida del poeta y antes de la publicación de los *Lusiadas*, por Fernando Gomes, más tarde pintor del rey Felipe II de España y I de Portugal. No es original, es una copia fechada em el siglo XVIII, que formaba parte de la portada del proprio autógrafo de los *Lusiadas*, guardado em una bolsa verde por el Conde de Vimiozo. Y una comisión de académicos.

parallelismo, pois de Cervantes tambem se descobriu um retrato em 1911. E' uma tabua, a oleo, que o sr. professor José Albiol offereceu á Academia Hespanhola e em que se exhibe a seguinte rubrica:

«D. Miguel de Cervantes Saavedra.

Juan de Jaurigui Pinxit, año 1600.»

(2) Um largo debate de technica artistica e de erudição externa incidiu sobre o quadro; a Junta de Iconographia Nacional, D. Francisco Rodriguez Marin, o mais illustre dos cervantistas contemporaneos e outras opiniões auctorizadas pronunciaram-se a favor; e desde então o retrato de Cervantes conserva-se no salão nobre da Real Academia Hespanhola, sob o docel presidencial e real, junto do retrato de Fillippe V, o fundador d'aquella corporação. Mas este retrato (3) está de accordo, ante os meus olhos profanos, com a visão plastica que se expressa na iconographia quinhentista, ao passo que o de Camões differe profundamente, na maneira artistica e na conformação craneana, de todos os retratos do tempo, não accusa aquelle aggravamento longitudinal do occiput ao queixo, que encontro no retrato de Francisco Sanches por mim divulgado sobre um desenho de Talbot, nos das *Lendas da India*, de Gaspar Correia, e em todos os da epocha.

(4) Isto não é scepticismo, é prudencia, é reserva cautelosa. Ninguem mais vivamente do que eu deseja que o achado do sr. Affonso de Dornellas se valorize e que este investigador indefesso veja a sua fé de officio accrescentada com este alto serviço.

N'aquella admiravel «Revista portugueza quinzenal illustrada—Portugal» que o illustre escriptor Ruy Chianca fundou com tanto luxo no Rio de Janeiro, no n.º 41, Anno II a paginas XVI, diz o seguinte:

O PRIMEIRO RETRATO DE CAMÕES — Acabamos de receber, com uma gentil dedicatoria do illustre historiographo e genealogista sr. Affonso de Dornellas, o seu livro intitulado *"Iconographia de Camões"*, de que è parte fundamental a sua comunicação á Academia das Sciencias de Lisboa, da existencia de um retrato de Camões, até então ignorado, e que no entanto serviu de base para sobre ele serem feitos os outros.

Vamos resumir esta notavel exposição, que impressionou profundamente os homens de letras e em especial os camoneanistas.

O mais antigo retrato de Camões, conhecido como tal até ha pouco, é o que illustra a *terceira* biographia do Poeta, escrita por Manuel Severino de Faria e impressa em Evora em 1624. O gravador d'este retrato foi A. Paulus, que o desenhou em 1622, ignorando-se que modelo copiou, ou sob que indicações o fez.

No anno de 1639, aparece o segundo retrato de Camões na sua quarta biographia escrita por Manuel de Faria e Souza, sendo a gravura feita por Pedro Villa Franca.

Em que diferem os dois retratos?

No primeiro — o de A. Paulus — Camões é cego do olho direito; no segundo, do olho esquerdo!

Foi isto, por largo tempo, causa de discussões interminaveis, buscando-se em vão, na obra do imortal poeta, uma indicação reveladora da verdade.

No entanto, o segundo retrato é uma copia fiel do primeiro; assim o diz e o demonstra o sr. Affonso de Dornellas. Como?

Mannel de Faria e Souza quiz reunir na mesma pagina o seu retrato com o de Camões a quem deu, naturalmente a direita. Para isso, o gravador Villa Franca, tomou o retrato de Paulus, que tem a figura a trez quartos de frente e inverteu a copia - ficando o decalque ao contrario—sem notar que por esta forma alteraria a verdade, mostrando Camões cego do olho esquerdo. Assim procedeu por comudidade e inadvertencia, criando um erro de secular repercussão.

A prova? Compare o leitor, tanto quanto o permitem essas reproduções de reproduções em que muitas minucias se perderam (1). Tudo é exactamente igual, até os minimos desenhos das folhas de louro, dos olhos, da barba, da armadura; e o escudo que na gravura de Paulus está direito, no de Villa Franca aparece invertido, tendo a serpe o pescoço ao contrario.

Este facto leva a crer, que o gravador ao menos neste logar, teve mais do que a consciencia, mas o intuito de inverter o escudo talvez para elucidar os vindouros a respeito da inversão do busto.

Neste ponto conclue-se, portanto, que os dois retratos se reduzem ao primeiro e que o Poeta era cego da vista direita.

Mas como fez Paulus o seu desenho, executado 42 anos depois da morte de Camões?

Não se sabe; e é nas trevas d'esta ignorancia, que jorra a luz com a subita aparição de um retrato muito mais antigo, propriedade da casa Rio Maior, revelado ao sr. Affonso de Dornelas, pelo sr. D. João de Saldanha Oliveira e Souza.

Do livro, reproduzimos a sua descripção:

«E' uma illuminura sobre papel, de colarido vivo, tendo o fundo azul. Ao centro, o retrato de Camões apresentando o olho direito fechado, coroado de louros e armadura bronzeada, ornamentada a sardões doirados. Na base do retrato tem dois cães vermelhos e em volta, flores amarellas, castanhas e brancas e dois passaros malhados de amarello, verde e castanho. Por baixo do retrato ha um escudo d'oiro, esquartelado por uma cruz negra, carregada de cinco escudetes d'oiro, carregados de cinco besantes de negro em aspa, tendo no primeiro e no segundo quarteis, cinco quinas d'oiro postas em cruz, carregadas de cinco besantes negros em aspa e no terceiro e quarto, sete castellos de oiro avivados de negro postos 1. 3. 1. 2.

Do lado direito d'este escudo esta uma espada e do lado esquerdo um livro aberto que diz: *As Lvsiadas* 1581.

Por entre as flores da ornamentação ha as seguintes inscripções:

Dev notas Lvsyo da Asseenção marvjo

Dev notas para v retrato Joze Peuqvynho

Dev notas Henrique Mascarenhas

Dev notas Francisco Mascarenhas

No canto direito da illuminura tem:

A firma ter paresencas todos.

E no canto esquerdo:

Gôa 1581 — Pinto

A illuminura mede 0,m17×0,11 e a moldura é constituida de quatro corpos, medindo a parte de baixo 0,m325×0,m110. As partes lateraes 0,m17×0,m11. A moldura toda incluindo os péz e o crescente, que a encima, mede 0,570. Esta interessantissima moldura é de cobre guarnecida com arame tambem de cobre, tendo ornamentações a cabochões vermelhos, azues e verdes". Em volta da cabeça de Camões tem a seguinte inscripção: — *Ov retrato de Lviz de Camões ofresido o V rey D. Lviz de Athayde por Fernão Telles de Menezes*».

Pondo de parte, por falta de espaço, as ponderosas e eruditas reflexões do sr. Affonso de Dornellas, vejamos pelas suas conclusões se é possivel reconstituir a verdade dos factos, encadeando-os logicamente de maneira a explicar o retrato de Paulus e aparição do primitivo na casa Rio Maior.

Morto Camões, em Lisboa, no anno de 1580 (ou no de 1579), foi para a India a noticia, e Fernão Telles de Menezes, futuro vice-

---

luego nombrada, anda buscando el original del retrato, la bolsa verde y su contenido, el manuscrito de los *Luziadas*... Conviene añadir que el proprietario, el insigne camoenista Dr. Carvalho Monteiro, no concedia la menor importancia a esa supuesta copia. —

Está tudo muito bem menos esta ultima parte, pois o Sr. Dr. Carvalho Monteiro, o mais notavel collecionador de todos os tempos de tudo quanto dizia respeito a Camões, era uma pessoa d'uma grande illustração e vastos conhecimentos, sabendo muito bem o que adquiria e o que possuia. Hoje que já se pode ver a reproducção dos desenhos e da parte escrita desses preciosos ellementos por tudo vir reproduzido a paginas 152 e seguintes deste volume do «Elucidario Nobiliarchico», já se pode avaliar do alto apreço em que seriam tidos pelo fallecido Sr. Dr. Carvalho Monteiro

(2) Na traducção espanhola é suprimida a parte que se segue.

(3) A traducção espanhola continua nesta altura.

(4) Na traducção espanhola não vem este periodo.

(1) Este artigo é illustrado com os retratos de Camões dos seculos XVI e XVII.

rei, mandou executar sob o testemunho dos nomes acima indicados o retrato do guerreiro-poeta que estivera em Gôa 12 annos antes e cuja obra maxima, publicada em 1572, era decerto conhecida e apreciada por pessoas illustres como Fernão Telles e o vice-rei D. Luiz de Athayde, a quem foi offerecido esse retrato.

Passaram-se annos, sucederam-se vice-reis e o retrato permaneceu no palacio do governo até, que por morte do 21.º vice-rei, D. João Coutinho, 3.º conde de Redondo, foi metido no seu espolio, vindo então para Portugal. D. João Coutinho morreu em 10 de Novembro de 1619. A sua bagagem devia ter chegado a Lisboa em 1620 ou 1621. Desde então a casa dos condes de Redondo possuiu essa joia de inestimavel preço.

Gaspar de Faria Severim, secretario das Merces de D. João IV, genealogista, poeta e desenhador, sobendo da existencia do retrato, copiou-o, avelhantando-o, a fim de oferecer a seu tio Manuel Severim de Faria, que pensava em editar a biographia de Camões.

Assim, em 1622, A. Paulus fazia a gravura que em 1624 era reproduzida na obra de Faria.

Porque não seria outra a origem da gravura de Paulus?

Porque antes d'ella foram publicadas a de Manuel Correia em 1613, e a de Pedro de Mariz pouco depois e nenhuma d'ellas com retrato, o que se não daria se esse retrato existisse.

Permanecendo na casa dos Marquezes de Borba e Condes de Redondo, appareceu um dia ha venda e foi adquirido pela senhora Marqueza de Rio Maior e nesta casa se encontra hoje.

Reproducção do tamanho egual da gravura com o retrato de Luiz de Camões incluida na obra: — Apologia em qve defende Ioam Soares de Brito a Poesia do Principe dos Poetas d'Hespanha Lvis de Camoens. .... A Ioam Rodrigues de Sá de Meneses..... Em Lisboa. Na Officina de Lourenço de Anvers. No anno de 1641. O 1 da Restauração de Portugal. Este retrato baseado na gravura de A. Paulus não tem indicação de gravador.

Quando tratei do retrato de Camões que pertence ao Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, transcrevi varios periodos das referencias que o Sr. Dr. José de Figueiredo lhe tinha feito a paginas 291 da «Luzitania—Revista de estudos portuguezes» de 1925. Agora vou transcrever essas referencias por completo, esperando que o seu auctor me desculpe a ousadia.

Vejamos:

— A iconografia de Camões — Notas ao retrato da portada — Dando aqui o retrato de Luiz de Camões mandado gravar por Gaspar Severim de Faria para seu tio, não consideramos esta gravura de Paulus, com que Manuel Severim illustrou, em 1624, os seus «Discursos Varios Politicos», como a imagem mais fidedigna do grande Poeta. Para nós, este retrato não é senão a variante, com ligeiras modificações, do que acaba de publicar o sr. Affonso de Ornellas e que é propriedade dos herdeiros da Senhora Marqueza de Rio Maior. Este ultimo não pode já agora assim deixar de ser considerado como o prototypo de todas as imagens de Camões. Mas apesar disso preferimos-lhe o de Manuel de Severim. É que ele, estando ha muito consagrado como a imagem authentica de Camões, é a transposição honesta e lógica da iluminura de Gôa. De lamentar é só que esta não possa ter, iconográficamente, senão um relativo valor, por não ser feita do natural ou não ter, pelo menos, sido realisada quando ainda o Poeta vivia. Sobre a authenticidade da iluminura (Iconografia de Camões, por Affonso de Dornellas, Lisboa — 1925), não pode haver duvidas, como não ha duvida tambem de que, ao servir-se dela, o author do desenho, gravado por Paulus, teve o cuidado de tirar-lhe o caracter oriental que o mesmo acusa e, lógicamente a envelheceu ainda, dando-nos o Camões, tal como êle o supôs já em Lisboa e de regresso da India. Igualmente se não esqueceu de o romanizar á maneira do que era, ha muito, corrente com os Poetas que a posteridade definitivamente consagrava. É esta, pelo menos para nós, a conclusão que se impõe. A obra literaria de Camões parece afirma-lo como um visual, mas até que ponto ele o foi e, sobretudo, como o foi, é dificil dize-lo. Faltam-nos os elementos necessarios para tal. O que é certo porém é que, nem nos *Lusiadas*, nem nas suas outras produções, se encontra uma só referencia a qualquer artista plastico seu contemporaneo, e isto quando, pelo menos, um: Christovão de Moraes, pintor de côrte, ia, após Sanches Coelho, sucessivamente e com pequenos intervalos passando á tela a figura do seu rei e protector: D. Sebastião. Alem disso e para que não fiquem duvidas de que a iluminura da Casa de Rio Maior foi a origem dos retratos que se conhecem do grande épico, há ainda o facto de que o retrato de Severim e os demais nada mostram das caracteristicas dos retratos dos nossos pintores da época e que são as que se podem ver nas telas de Christovão de Moraes. Bem português e com filiações nitidas na obra de Sanches Coelho, Christovão de Moraes, mais desenhador do que pintor, como aquelle, é bem o reflexo da corrente então dominante na Europa e, como tal, parente proximo dos Clouets e dos demais pintores em voga lá fora. (a)—*José de Figueiredo.*

Quando o Sr. Dr. José de Figueiredo escreveu isto ainda não conhecia o retrato desenhado por Fernando Gomes, retrato que só um mez depois de publicado este fasciculo da «Luzitania», eu apresentei na Academia das Sciencias (24 de Julho de 1925), conforme publiquei a

paginas 152 d'este volume do Elucidario Nobiliarchico. No dia seguinte, 25 de Julho, appareceu no «Diario de Noticias», a seguinte carta :

— O retrato de Camões — Uma carta de José de Figueiredo — Do sr. dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu de Arte Antiga, recebemos a seguinte carta: Vi, com o maior interesse, no «Diario de Noticias», de hoje, a nova contribuição que o sr. Affonso de Dornellas traz para a iconografia de Camões. Não posso, emquanto não vir a «copia» que o seu jornal reproduz, ter sobre a sua «exacta» importancia uma opinião segura. Uma copia de um original perdido é sempre valiosa; e para dar interesse a esta bastariam os elementos que ella nos dá para a historia da nossa pintura do tempo. Não é nem pode ser-nos indiferente saber que Fernão Gomes foi, como os seus predecessores, retratista, e como tal, muito antes de ser pintor régio, procurando pelos que, em evidencia, tinham necessidade dos seus serviços nesse campo. Quanto á importancia propriamente iconografica da «copia» já o caso é, porém, diferente, pois o seu valor variará segundo a sua maior ou menor fidelidade, e esta só poderá ser julgada com um rigoroso exame technico, o que creio ainda não foi feito. Sempre delicado o exame de um desenho, ele é, neste caso, mais facil por existir, pelo menos, um authentico firmado e datado (1599) por Fernão Gomes, e que, adquirido ha trez anos para o Museu pelo professor Luciano Freire, veio confirmar as identificações, por mim anteriormente feitas, de diversos retàbulos e paineis do pintor de Felipe II. Mande sempre o de v. etc. — *José de Figueiredo* — 24-VII — 1925.

E' claro que tendo o Sr. Dr. José de Figueiredo firmado a sua opinião, sobre o retrato de Goa, dentro do curto prazo d'um mez, não quiz deixar de se manifestar immediatamente, mesmo sem ver a copia do retrato feito por Fernão Gomes.

Na apreciação já esboçada na carta acima transcripta, manifesta o Sr. Dr. José de Figueiredo aquella qualidade que tanto o caracteriza: de ser muito difficil de modificar a sua opinião.

Porque é que só é bom o retrato de Camões feito em Goa e não ha-de tambem ser bom o feito por Fernão Gomes ?

Já agora, vamos ver a opinião do meu velho amigo o erudito historiador Gustavo de Mattos Sequeira.

Da auctoria d'este notavel investigador foi publicado no jornal «O Mundo» de 26 do mesmo mez de Julho de 1925, o seguinte :

Camões — Alvoroçou muita gente a noticia de se ter achado um retrato do grande épico, um retrato verdadeiro que destrona, de vez, da admiração geral, aqueles mostrengos iconograficos em que se pinta o poeta de armadura e coroa de louros, forjados nos seculos XVI-XVII. Foi o sr. Dornellas quem topou com o desenho entre a papelada preciosa da coleção camoneana da familia Carvalho Monteiro. É uma copia, é certo, é uma copia ainda discutivel no escrupulo receoso de aventar certezas, mas interessantissima sem a menor duvida. O Camões que ali se nos apresenta tem qualquer coisa de humano, apesar da imperfeição do copista do seculo XVIII que, evidentemente, não interpretou á maravilha o retrato original desenhado por Fernão Gomes. É bem uma figura do Renascimento, com o toque daquelles retratos que ornam as portadas dos livros quinhentistas. Esse desenho, feito em 1570 por Fernão Gomes, decerto não teria os senões que se observam no trabalho do artista menor, comissionado pelo Duque de Lafões. Um pintor de quinhentos, da cathegoria oficial de Fernão Gomes — pintor do rei não atrapalhava os traços de forma a errar prespectivas. Todavia, o quarto de papel agora aparecido tem um alto valor e põe-nos na pista desse precioso original.

Um apontamento novo sobre o retratista de Camões:

Fernão Gomes vivia em 1599 naquele troço final da rua de S. Bento, aos Poiais; e o local, em sua honra, dizia-se então, *de S. Bento, ao pintor*. Foi nesta residencia que ele faleceu em 25 de Setembro de 1612, quarenta e dois anos depois de ter feito o retrato do epico.

Agora, ha pouco, foi deiiberado publicar-se uma edição dos Luziadas, dirigida pelo Sr. Dr. Affonso Lopes Vieira e anotada pelo Sr. Dr. José Maria Rodrigues, sendo o Sr. Dr. José de Figueiredo encarregado da parte artistica.

Para figurar n'esta obra, foi escolhido o retrato de Gôa, cujo original é como muito bem se sabe do Sr. Marquez de Rio Maior.

Está muito bem e mesmo é bom variar, pois a primeira edição dos Luziadas publicada depois do apparecimento d'estes dois retratos, foi a anotada para uso das Escolas por Arthur Viegas, intitulada:

Os Lusiadas de Luis de Camões anotados para uso das escolas com as devidas omissões — segunda edição — ornada com o verdadeiro retrato do poeta e uma carta-roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama — 1497-1499 — Depositario Leonardo P. de Castro. Travessa da Carvalhosa, 56. Porto. 1926.

N'esta edicção foi incluido o retrato desenhado por Fernando Gomes e que como se sabe é propriedade do Sr. Pedro de Carvalho Monteiro.

Por debaixo do retrato está a seguinte explicação:

— Verdadeiro retrato de Luis de Camões feito em vida do poeta segundn uma copia antiga descoberta e comunicada á Academia das Sciencias de Lisboa pelo sr. Affonso de Dornellas. (A gravura representa a copia fiel do precioso original que, como se vê, estava muito lacerado. Sôbre os rasgões foram coladas três tiras de papel para unir os fragmentos da imagem). O cliché foi-nos amavelmente cedido pela revista «Livros». —

O «Mensario da Vida Litteraria Portugueza — Livros» iniciado em março de 1925 pelos Srs. Alvaro Neves e Dr. A. de Athayde e Mello foi continuado do n.º 5 em deante pelo segundo d'estes senhores e mais pelo Sr. Antonio da Costa Leão.

Este n.º 5 é referente a Julho e Agosto do mesmo anno de 1925, começando pela publicação do referido retrato com a seguinte referencia:

— Retrato de Luis de Camões — Copia dum original feito em vida do Poeta — Reprodução da gravura publicada no «Diario de Noticias». —

Depois com o titulo de «Camões em Ceuta» diz:

Devido á gentileza do sr. Affonso de Dornellas, que ao Culto Camoneano tem elevado magestosos monumentos literarios, com a sua notavel comunicação, feita na Academia de Sciencias de Lisboa, sobre a existencia do original dos *Luziadas* e da copia de um retrato de Camões pintado em vida do Poeta, podemos agora publicar por extracto, o seu tambem notavel estudo *Camões em Ceúta*. Este trabalho foi classificado com o primeiro premio do «tema segundo» do Concurso Literario, efectuado em Ceuta em dezembro de 1924, comemorando o 4.º centenario do nascimento de Luis de Camões.

Eis os trechos que respigámos do trabalho que mereceu aquela alta distinção:

Segue-se depois a publicação referida.

Como acima disse, na nova edição dos Luziadas, foi deliberado que se incluisse o retrato de Gôa. Vejamos sob este assumpto o que o Sr. Dr. José de Figueirddo disse na sessão de 23 de fevereiro do anno corrente de 1828, extractado pelo jornal *Diario de Lisboa* do dia seguinte e ainda umas informações que o mesmo senhor deu a este jornal e de que vou transcrevêr a parte que interessa a este estudo:

de D. João III (retratos de Cristovão Lopes, de frei Carlos e da Madre de Deus); discutindo a autenticidade da iconografia camoneana subsistente (retratos de Fernando Gomes e iluminura de Goa), e aludindo á probabilidade de haverem frei Carlos e Antonio de Holanda colaborado nas iluminuras no «Livro de Horas de D. Leonor», pertencente á colecção Morgan.....

—A iconografia não póde ser tratada apenas por eruditos, mas tambem por technicos de arte — diz o dr. José de Figueiredo, e de facto assim é, senão teriamos de accitar como bons, documentos iconograficos de artistas mediocres, em papeis ou cartões de certo e re-

Reproducção do tamanho egual da gravura que inclue o retrato de Luiz de Camões, apresentada na primeira edição dos Lusiadas em versão inglesa.—O titulo d'esta obra é:—The Lusiad, or, Portugals Historicall Poem: written In the Portingall Language by Lviz de Camoens; and Now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.: London, Printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms in St. Pauls Church-Yard, M.DC.LV. Este retrato baseado na gravura de Pedro Villa Franca não tem indicação de gravador.

—O sr. dr. José de Figueredo fez, em seguida, a sua anunciada comunicação sobre «A iconografia portuguesa no seculo XVI», acentuando, o ponco valor iconografico dos retratos da arvore genealogica do conde de Feira, iluminura de Antonio de Holanda, hoje em poder de um snbdito holandês, e da arvore genealogica dos reis de Portugal, existente em Londres, pintura membranacea em que andou ambem a mão daquele mestre português; referindo-se á iconografia

lativo relevo historico, sem nenhuma especie de garantias de semelhança, ou sequer de autenticidade.

Presentemente está na Imprensa Nacional, em impressão, uma notavel edição dos «Lusiadas», um primor como arte e como estudo de tendencias populares, sem nada perder do seu rigor, a que já nos referimos ha tempo, e que é dirigida pelo ilustre escritor e investigador sr. dr. Afonso Lopes Vieira, com notas do eminent; professor

e camoneanista, sr. dr. José Maria Rodrigues. Para essa obra torna-se interessante a inserção de um retrato de Luis de Camões. Do estudo iconografico sobre o Principe da Poesia portuguesa, foi encarregado o sr. dr. José de Figueiredo.

Ora ha tempo foi descoberto, e tratado, por um socio da Academia, que muito estuda, e ás vezes acerta, um retrato de Camões, feito em Gôa, de cór, por autor desconhecido, por notas fornecidas por pessoas que em Gôa conviveram com o grande poeta, tão infeliz quanto rebelde a subserviencias.

E mais existem o retrato de Camões, trivialissimo, conhecido pelo «de Faria e Sousa», e que vem nas obras deste comentador; e ainda um, de assinatura Fernando Gomes, que apareceu na Biblioteca do sr. Carvalho Monteiro, que foi um apaixonado camoneanista.

Destes três retratos, prefere o sr. dr. José de Figueiredo, com a autoridade que lhe assiste, o que foi feito em Gôa, porque «tem caracter», coisa que não sucede aos outros, e principalmente ao da livraria Carvalho Monteiro, que corre o risco de ser apócrifo, e é dado como cópia, cujo original não consta.

Não vale a pena discutir aqui esta tese.

O retrato da iluminatura feito em Gôa, em 1581, «oferecido ao vice-rei D. Luis de Ataide — amigo de Camões, — por Fernão Teles de Menezes, dá todas as garantias de autenticidade indiscutivel ainda por confirmação de certos detalhes, dada pelo sr. dr. José Maria Rodrigues, e que tem por base o soneto de Camões «Que vençais...», oferecido pelo Poeta a D. Luis de Ataide, estando já desfeita a duvida levantada por Stork, sabio alemão camoneanista de grande merito.

Foi este retrato, de que o *Diario de Lisboa* em tempo desenvolvidamente se ocupou, feito segundo indicações fornecidas em Gôa por amigos e companheiros de Camões, dois fidalgos D. Francisco e D. Henrique de Mascarenhas, e dois esturdios, que com Camões privaram: José Penquinho e Luis de Ascenção Marujo.

O autor teria conhecido o Poeta e completado a sua impressão visual.

Vê-se, pois, da comunicação academica de ontem, que o retrato iconografico do autor dos «Lusiadas», é o de Gôa, e que vai figurar na edição do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, generosamente empenhado com o sr. dr. José Maria Rodrigues, nessa util, bela e rigorosa edição.

Agradecendo a classificação que o Sr. Dr. José de Figueiredo me dá de — um socio da Academia, que muito estuda, e às vezes acerta — repetirei que para adoptar o retrato de Gôa para a nova edicção dos *Luziadas*, não é necessario insistir que o de Fernão Gomes tem defeitos.

O extracto da sessão da Academia é muito reduzido portanto não dá bem o conhecimento do que o Sr. D. José de Fiqueiredo disse para demonstrar que o retrato de Fernão Gomes não podia ter tal origem visto que na epocha em que se julga que o original do mesmo retrato foi feito (1570) não se usava Fernando conforme está na assignatura do retrato mas sim Fernão.

Ora succede que a lettra da assignatura que se vê no retrato, é exactamente a mesma lettra da assignatura que se vê no documento incluido no trabalho do Sr. Dr. Virgilio Correia, «A Pintura quatrocentista e quinhentista em Portugal», publicado no fasciculo I do «Boletim de Arte e Archeologia» — «Orgão do Conselho de Arte e Archeologia de Lisboa — 1921». A differença entre as duas assignaturas cansiste apenas em que no documento está Fernão, e no retrato está Fernando.

Não se póde affirmar que a mesma pessoa não assignasse pelas duas fórmas porque pelas duas e até por mais fórmas apparece por aquella epocha dentro do mesmo documento.

Com referencia a não ser uso o usar Fernando, tambem não está certo.

Podendo citar muitos documentos, cito apenas dois que são capitaes.

Na obra «Trez Tumulos» pelo Dr. Virgilio Correia, Lisboa, 1924, a paginas 94 vem o seguinte:

Na arruinada igreja de Alhos Vedros, em frente de Lisboa, anexa ao santuário sobrevive uma velha capela mandada construir por um membro da familia Casal em 1477. A capelinha, fortalecida externamente por botareus góticos, é de cabeceira poligonal, e conserva no interior tres túmulos cujas inscrições nos revelam a época exata da construção e o nome do fundador. Sobre as tampas singelas de dois dêsses túmulos lê-se, num:

Aquy jaz pero vecente creado do Infante dom Jº marido de cõstanca vaz pay de fernãdo casal que mãdoũ fazer esta capela a qual foy feyta era de lxxbij.

no outro:

Aquy jaz costanca vaz molher de pero vecete may de ferñdo casall.

Fernando Casal jaz na mesma capella em tumulo rico: uma arca de calcareo assente sobre leões, ennobrecida com o vulto do fidalgo armado em guerra, a farta cabeleira coifada do barrete quatrocentista. A execução denuncia o lavrante de educação rotineira. Uma inscrição quasi perdida, que começa:

Aquy jaz Fernando Casall...

Aqui temos portanto uma capella que em tres inscripções tem — Fernãdo — Ferñdo — Fernando.

N'este Volume do Elucidario, a paginas 25 e seguintes, apresento aquelle monumental documento que tem illuminada por Antonio da Hollanda a Arvore Genealogica do III Conde da Feira, na qual o n.º 8 é Fernam, o n.º 9 é filho de Fernã, o n.º 13 é filho de Fernãdo, a n.º 37 é casada com Fernando.

A formula Fernãdo é repetida varias vezes havendo portanto: Fernã, Fernam, Fernãdo e Fernando.

Estes exemplos são interessantes mas não são necessarios, pois que se o retrato fosse falsamente attribuido a Fernão Gomes, quem imitou a assignatura teria concerteza decalcado o nome e então lá estaria Fernão se o pintor nunca tivesse assignado por outra fórma.

Agora, no mez de Junho de 1928, sahiu da Imprensa Nacional essa nova edição dos Luziadas que traz a seguinte explicação:

— FOI ESTA EDIÇÃO DE OS LUSIADAS FEITA POR INICIATIVA DE AFFONSO LOPES VIEIRA E POR AMOR DE PORTUGAL E DO POEMA. DO TEXTO REPRODUZ O DA EDIÇÃO PRINCEPS DE 1572, COM A ORTOGRAFIA E A PONTUAÇÃO REFORMADAS, E REVISTO PELO MESTRE CAMONEANISTA DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES. O PREFACIO É TRANSCRITO COM AUTORIZAÇÃO DA FALECIDA E EMINENTE PROFESSORA D. CAROLINA MICAELIS DE VASCONCELLOS. O RETRATO FOI GRAVADO SOBRE A ILUMINURA QUINHENTISTA ORIENTAL, PERTENCENTE AO MARQUEZ DE RIO MAIOR. COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA. EDIÇÃO DA MESMA IMPRENSA. —

De facto, traz o retrato que o actual Sr. Marquez de Rio Maior me permittiu apresentasse na Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa em 24 de Julho de 1924, tornando-o assim conhecido do publico, pois apezar de estar estimadissimo por tão Illustre Fa-

millia, era desconhecido dos estudiosos do grande Poeta e absolutamente inedito.

Por esta razão está agora conhecido e correndo mundo na referida «Edição Nacional».

No final d'esta edição, a paginas 235 vem, da auctoria do Sr. Dr. José de Figueiredo, uma apreciação sobre este retrato de Camões e umas referencias ao retrato que ha dezenas de annos existe em poder da Illustre Famillia Carvalho Monteiro, retratos que por meu intermedio foram conhecidos do publico, pelo que não posso deixar de transcrever as referidas apreciações e de sobre o assumpto dizer alguma coisa.

Nota Iconografica: Não podendo aceitar-se como bom documento o retrato de Luis de Camões, da Colecção Carvalho Monteiro (1), que aliás não contraria os dois já conhecidos, a gravura de Severim de Faria e a iluminura de Gôa, estas continuam a ser a unica tradução aceitavel que temos da imagem do Poeta, sendo a iluminura o protótipo dessa imagem e a gravura a transposição da iluminura. Na nossa nota para o fasciculo especial que a *Lusitânia* consagrou a Camões, preferimos a gravura á iluminura por aquella estar já consagrada como a imagem do Poeta, sendo por assim dizer o seu retrato oficial e nacional; e por isso e como tal a reproduzimos ali. Posteriormente, porém, um melhor estudo da iluminura e o seu mais demorado cotejo com a gravura modificaram nesse ponto a nossa opinião e entendemos agora que a iluminura deve preferir á gravura. Faltam, é certo, á iluminura boas qualidades técnicas, mas essas qualidades faltam tambem á gravura; e esta, endurecida por um estilo propositado, mas pobre e demasiadamente linear, perdeu assim a humanidade transmitida á iluminura pelo carinho e sentimento dos que nela colaboraram. Depois, a historia da sua realisação é tocante e altamente sugestiva, como altamente sugestivo é tambem o orientalismo que tanto se revela e que é a consequencia do lugar em que esta obra foi feita e da nacionalidade do artista que a compôs. E é curioso verificar como êste, evidentemente influenciado pela página iluminada de um livro de Horas quinhentista europeu, e não se esquecendo de romanizar a imagem com os louros com que a coroou, fundiu tudo isso num espirito oriental que é talvez o maior encanto da iluminura e, certamente, a razão de ser do seu interesse decorativo. O gibão, decorado de animais exóticos, como exóticos são os cães de Fó que nelle se vêem, é bem o gibão acolchoado com que os europeus se defendiam, além-mar, do golpe das setas; e caso digno de registo num artista de tam exiguas qualidades, a matéria neste ponto é traduzida com notavel felicidade. ¿ Não é o retrato feito do natural, e não é o seu autor um bom artista? E' certo; e é tambem certo que isso tira garantias ao rigor da imagem do Poeta, pois ambas estas qualidades são fundamentaes. Mas como o fez notar Baudelaire, ao lado do retrato historico, há o retrato romance; e êste retrato, se o retratado é alguém e não uma anónima criatura, vale por vezes mais do que aquele, por isso que, no retrato historico, o artista pode sacrificar a verdade do seu modêlo ao brilho e evidencia da técnica e não dar assim, atravez do espirito do retrato, a sua verdadeira imagem moral. Encarando desta forma a imagem de Camões, ¿ que melhor retrato poderiamos nós ter dêle do que êste que foi feito pelas *notas* fornecidas pelos companheiros da sua vida aventurosa, companheiros de todas as condições, e que teriam decerto vivído as maravilhas que o génio e a imaginação do Poeta lhes desvendou? ( ). Sem dúvida feito na época de que é datado, este retrato tem ainda a autenticá-lo, além do seu sabor, o haver o eminente professor, Sr. Dr. José Maria Rodrigues, comprovado a autenticidade do soneto *Que vençais* (2), posto em duvida por W. Storck, soneto escrito por Camões quando D. Luis de Ataide foi mandado para a India em 1577, na quadra das viagens tormentosas, arredado do comando da expedição de Marrocos pelos áulicos de D. Sebastião, a que o Poeta devia também a recusa ao oferecimento que fizera de cantar os feitos do moço rei. N'estas condições, e morto D. Luis de Ataide pouco antes de 10 de Março de 1581, que é a data da abertura das sucessões motivadas pelo seu falecimento, nada mais logico do que a oferta de ov (o verdadeiro) retrato de Camões a D. Luis de Ataide por Fernão Telles de Menezes, então em Goa e o primeiro na eventual sucessão de vice-rei. ¿ Quem foi o artista a quem se deve o retrato? Varias são as hipóteses aventadas. Dentre todas destacaremos, porém, as do rev. padre Schurhammer. Na opinião deste sabio orientalista podem os caracteres que compõem a assinatura ser latim cursivo e teriamos: *A P. f (ec) it;* ou Devanágari ou Modi (taquigrafia indiana) e então a primeira letra seria um P.; ou ainda japonês (escrita Horagana?). Neste caso, teriamos: *Riyo Tomoto,* ou seja uma variante de Riyokei Tomotoki, nome corrente, no seculo XVI, no Japão. Parece-nos esta a melhor interpretação, por isso que o retrato seria assim obra de um japonês convertido pelos portugueses ao cristianismo, como o faz crer a palavra *pinto* (pintou) que antecede a assinatura. (a) *José de Figueiredo*

Apezar do Sr. Dr. José de Figueiredo começar por dizer que a copia do retrato feito por Fernão Gomes não contraria o de Goa e o desenhado por Paulos, em nota procura destruir o mesmo retrato o que me parece desnecessario. São dois valiosos documentos.

Não conhecia ainda o Sr. Dr. José de Figueiredo, o que publiquei sobre o mesmo retrato de paginas 152 a 164 d'este Volume, quando escreveu a sua «Nota Iconographica», incluida na nova edição dos «Luziadas». Ha elementos n'esses meus estudos que dão a conhecer a existencia do mesmo retrato.

Com referencia ao facto de estarem os dois pedaços em que está rasgado o mesmo retrato, colados com pequenas tiras de papel que prejudicam o desenho, não pode ser classificado senão de um mau concerto feito por pessoa que apenas teve a ideia de ajustar bem os dois pedaços, colando-lhe tiras de papel pela frente, naturalmente porque se lh'as collocasse pela parte de traz,

(1) Este retrato é, na melhor hipothese, uma copia mal feita, um borrão contraditorio e confuso e sem nenhuma garantia de exactidão, por isso que não tem nenhum caracter. Mas alem d'isso, a realidade da existencia do original é mais que duvidosa: — 1.º Porque é pouco explicavel que tenha desaparecido sem deixar rasto, tendo escapado ao Terramoto e sido copiado apoz elle como obra do mais raro valor, e como tal conservado segundo diz o copista, com os maiores e mais extremos cuidados. — 2.º Porque só a preocupação calculada de convencer da sua exactidão é que pode explicar a ideia fantastica de, rasgado o retrato, o fixar colando-lhe tiras de papel branco do lado da imagem e em lugares que a prejudicam. — 3.º Porque é mais que suspeita a maneira como está escrito o pronome do pintor. *Fernando* não era usado no seculo XVI e de resto em todos os documentos que lhe dizem respeito é como *Fernão* que o artista aparece ou assina. Entretanto, é perturbador o facto de a caligrafia da assignatura não discordar da autentica do pintor, que só foi vulgarizada ha poucos annos. A data da entrada do retrato na colecção Carvalho Monteiro, data que infelizmente se desconhece, podia assim trazer luz a este caso que parnós e até prova em contrario, temos como uma mistificação. (nota do sr. Dr. José de Figueiredo).

(1) Nas legendas que acompanham o retrato de Camões, le-se: Dev notas para u retrato Jose Pennguydho. — Dev notas Lvsyo da assenção marvjo. — Dev notas Francisco Mascarenhas. — Dev notas Henrique Mascarenhas. — Afirma ter parsenças todos. — Goa 1581 — Pinto (segue a assignatura oriental). (nota do Sr. Dr. José de Figueiredo.

(2) Que vençais no Oriente tantos Reis
Que de novo nos deis da India o Estado,
Que escureçais a fama que hão ganhado
Aqueles que a ganharam de infieis;

Que vencidas tenhais da morte as leis
E que vencêsseis tudo, emfim, armado,
Mais é vencer na pátria, desarmado,
Os monstros e as Quimeras que venceis.

Sôbre vencerdes, pois, tanto inimigo,
E por armas fazer que sem segundo
No mundo o vosso nome ouvido seja.

O que vos dá mais fama inda no mundo,
É vencerdes, senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, tam grande enveja.

não coincidiria o desenho, por as margens estarem muito deterioradas e não ajustarem bem.

A forma portanto como os dois pedaços foram unidos não é motivo para duvidarmos da existencia d'um retrato de Camões desenhado por Fernão Gomes.

Phantasiemos por um momento que o retrato foi inventado e que todo aquele desenho é um fingimento. Como é que o desenhador, bom ou mau, que tal inventou, ia empregar a lettra de Fernão Gomes, imitando a assignatura e n'essa imitação escrevia Fernando em vez de Fernão? Claro que não é possivel.

O argumento principal do Sr. Dr. Josè de Figueiredo é que no seculo XVI não se usava Fernando, o que é um engano de Sua Ex.ª como acima tambem demonstrei.

A vulgarisação da assignatura de Fernão Gomes a que o Sr. Dr. José de Figueiredo se refere, foi feita pelo Sr. Dr. Virgilio Correia, que a publicou em 1925 no Boletim de Arte e Archeologia.

O retrato e manuscripto annexo, que são propriedade do Sr. Pedro de Carvalho Monteiro, foram adquiridos ha dezenas d'annos e mesmo basta um rapido exame para tal se verificar.

Na mesma nota iconografica ainda ha outro ponto a que me quero referir, não com o intuito de o rebater, mas simplesmente para apresentar uma hypothese.

Quando em 1924 publiquei a «Iconagraphia de Camões — seculos XVI e XVII», tentei colher todos os elementos possiveis e imaginaveis sobre os retratos do Poeta e sobre os auctores dos mesmos. Claro que fiz todas as diligencias para ver se encontrava a traducção da assignatura ou das iniciaes da assignatura que se veem no retrato de Gôa que motivou o mesmo estudo. Procurei conhecedores das varias linguas e dos varios caracteres usados no Japão, na China e principalmente na India.

Fiz muitas consultas, mas infelizmente sem resultado. Um ou outro dos caracteres foi considerado como tendo parecenças com caracteres das differentes raças, mas os outros não tinham semelhanças, portanto chegou-se á conclusão do que não se sabia o que queriam dizer. Desenhei esses caracteres, publicando esse desenho a pagina 9 da referida «Iconographia de Comões — seculos XVI e XVII», mandando exemplares para varios centros de estudo espalhados pelo mundo e ninguem me soube informar.

Na «Nota Iconographica» da auctoria do Sr. Dr. José de Figueiredo e publicada como disse da nova edição dos Luziadas, refere-se Sua Ex.ª ás hypotheses apresentadas pelo sabio orientalista Reverendo Padre Schurhammer, como provaveis utilisações dos curiosos caracteres. Não apresenta porêm, uma opinião concreta. Ainda reforçando a preoccupação da que são caracteres orientaes, as iniciaes do nome do auctor da iluminura, fez o mesmo Sr. Dr. José de Figueiredo uma communicação na sessão da classe de Lettras da Academia das Sciencias de Lisboa, effectuada em 14 de Junho do corrente anno de 1928, que passo a transcrever:

O franciscano allemão, Reverendo Schiling, no decurso das suas pesquizas nos archivos portugueses, encontrou algumas cartas do Japão, das quais se infére que os jesuitas mantinham ali uma aula de pintura e gravura, na qual se adextravam iluminadores e abridores de laminas, o que reforça a convicção, de que a celebre iluminura de Goa, em que se vê o retrato de Camões, é obra de um japones cristianisado.

Depois d'uma nova analyse directa feita na illuminura, parece-me que não devemos procurar mais, entre caracteres orientaes, a decifração do nome do respectivo auctor. Vejamos a minha hypothese:

Pinto e não *pintou*, como até eu interpretei a palavra que se vê por debaixo da data «Gôa 1581», que está na illuminura, é que se deve ler, sendo portanto *Pinto*, o nome de illuminador.

As iniciaes, na minha presente hypothese, pela sua ordem são: *J* que se refere ao nome Joze Pengvynho — *H* que se refere a Henrique Mascarenhas — *F* que se refere a Francisco Mascarenhss e *L* que se refere a Lvsyo da Asseensão.

Fica portanto indicado do lado direito da illuminura:

GOA 1581
PINTO

e do lado esquerdo

A FIRMA TER
PARESENCAS
TODOS

É esta a primeira hypothese que attribue a illuminura a auctor portuguez, sendo meu grande desejo que seja considerada pelos entendidos. Sempre é mais agradavel julgar que foi um portuguez que nos deu o retrato de Camões, do que um Japonez *mesmo com a vantagem de ter sido Christianisado.*

A. D.